

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

**ENSINO MÉDIO INTEGRADO E FRACASSO ESCOLAR: UM ESTUDO
A PARTIR DO CURSO PROFISSIONALIZANTE EM INFORMÁTICA
NO INSTITUTO FEDERAL DO ACRE-CÂMPUS RIO BRANCO**

CRISTIANE DAS NEVES DAS NEVES

2014



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**ENSINO MÉDIO INTEGRADO E FRACASSO ESCOLAR: UM ESTUDO
A PARTIR DO CURSO PROFISSIONALIZANTE EM INFORMÁTICA
NO INSTITUTO FEDERAL DO ACRE-CÂMPUS RIO BRANCO**

CRISTIANE DAS NEVES DAS NEVES

Sob a Orientação do Professor

Flávio Anício Andrade

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, área de concentração em Educação Agrícola.

Seropédica, RJ
Abril de 2014

373.246

N518e

T

Neves, Cristiane das Neves das, 1972-
Ensino médio integrado e fracasso
escolar: um estudo a partir do curso
profissionalizante em informática no
Instituto Federal do Acre - Campus Rio
Branco / Cristiane das Neves das Neves. -
2014.

55 f.: il.

Orientador: Flávio Anício Andrade.

Dissertação (mestrado) - Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de
Pós-Graduação em Educação Agrícola, 2014.

Bibliografia: f. 53-55.

1. Ensino profissional - Teses. 2.
Fracasso escolar - Teses. 3. Ensino
integrado - Teses. 4. Ensino médio -
Teses. 5. Motivação na educação - Teses.
6. Instituto Federal de Educação, Ciência
e Tecnologia do Acre (Campus Rio Branco) -
Teses. I. Andrade, Flávio Anício, 1950-.
II. Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Curso de Pós-Graduação em
Educação Agrícola. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

CRISTIANE DAS NEVES DAS NEVES

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 30/04/2014.



Flávio Anício Andrade, Dr. UFRRJ



Ramofly Bicalho dos Santos, Dr. UFRRJ



Alvaro de Oliveira Senra, Dr. CEFET-RJ

RESUMO

DAS NEVES, Cristiane das Neves. **Ensino Médio Integrado e Fracasso Escolar: um estudo a partir do curso profissionalizante em informática no Instituto Federal do Acre-Câmpus Rio Branco**, 2014. 55 p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2014.

Realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre, a pesquisa teve como objetivo identificar a percepção do curso de 44 alunos e 13 professores das turmas da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em informática do Câmpus Rio Branco, no ano letivo de 2013, através da aplicação de questionários com cinco questões. A investigação deu-se em razão da grande evasão e reprovação no curso de 2011 a 2013. A aparente desmotivação dos alunos revelou-se como sendo descontentamento com a estrutura organizacional. Os professores concordaram que é primordial uma reforma no curso oferecido.

Palavras-chave: Educação Profissional, Ensino Médio Integrado, Motivação, Fracasso Escolar.

ABSTRACT

DAS NEVES, Cristiane das Neves. **Integrated Vocational Course and School Failure: a study from the vocational course in computer science at Federal Institute of Acre-Câmpus Rio Branco**, 2014. 55 p. Dissertation (Master in Agricultural Education). Agronomy Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2014.

Held at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Acre, the research aimed to identify the perception of the course of 44 students and 13 teachers from 4 classes of Technical Vocational Education in Middle Level Integrated to computer science of Câmpus Rio Branco, during the academic year of 2013, through questionnaires with five questions. The apparent lack of motivation among students proved to be dissatisfaction with the organizational structure. Teachers agreed that reform is paramount in the course offered.

Key Words: Professional Education, Secondary Education Integrated to Professional Education, Motivation, School Failure.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos, por serem sempre a inspiração para eu querer crescer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, o Professor Flávio Anício Andrade, pelo incentivo e confiança.

Aos meus alunos e meus colegas de trabalho, professores que responderam ao questionário e servidores envolvidos em todo o processo do mestrado.

Aos meus familiares, especialmente meu marido José das Neves, minha mãe Madalena, minha irmã Viviane e minha filha Mônica, pelo apoio.

Ao Instituto Federal da Bahia e ao Instituto Dom Moacyr Grechi por me receberem para a realização dos estágios.

À equipe do PPGEA, pela acolhida.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E A EXPANSÃO DA REDE FEDERAL NO BRASIL	5
	CAPÍTULO 3: A IMPLANTAÇÃO DE UM INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA NO ESTADO DO ACRE.....	9
	3.1 O Estado do Acre.....	9
	3.2 O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (IFAC).....	11
	CAPÍTULO 4: O CURSO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA AO ENSINO MÉDIO NO CAMPUS RIO BRANCO DO INSTITUTO FEDERAL DO ACRE.....	15
	CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	23
	5.1 Fracasso escolar.....	23
	5.2 Motivação.....	25
	CAPÍTULO 6: PERCEPÇÃO DOS ALUNOS E PROFESSORES ACERCA DO CURSO	29
	6.1 Respostas dos alunos.....	29
	6.2 Respostas dos professores.....	43
	CAPÍTULO 7: CONCLUSÃO	51
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

1 INTRODUÇÃO

Minha experiência com escola começou em 1978, na Escola Municipal Getúlio Vargas em Sorocaba – Estado de São Paulo. Eu era de família pobre, meu pai era migrante de Macaúbas-BA, minha mãe da zona rural de Itararé-SP, meus colegas de classe eram em sua maioria filhos de famílias ricas, eu considerava essa diversidade normal.

Meu pai me incentivava a estudar, eu sempre gostei da escola, os poucos incidentes que aconteceram na infância e foram muito negativos não influenciaram minha vontade de aprender e estudar.

No entanto, na primeira série do Colegial, atual Ensino Médio, senti muita dificuldade em Química, Física e Biologia, reprovei em Química por décimos. Envolvia-me com atividades de diferentes naturezas, apesar disso, não ter bom desempenho em algumas matérias me davam a sensação de completa estupidez. Depois da experiência com a atual pesquisa, me pergunto até que ponto eu tinha a obrigação de ser boa em todas as disciplinas e como a sensação de fracasso em um ponto afeta seu desenvolvimento em outros. O sentimento de incapacidade pode ser transferido para outras áreas da vida de um sujeito.

Desde o primeiro contato com o inglês, na 5ª série, eu havia me encantado com a língua e pedi ao meu pai para pagar um curso em escola de idiomas, ele, sem hesitar, mas não sem dificuldades, o fez. Com 16 anos de idade comecei a dar aulas de inglês em escolas de línguas.

Como eu não tinha a responsabilidade de me sustentar, preparar e dar minhas aulas eram as coisas nas quais eu colocava meus esforços com muito prazer, minha preocupação maior era fazer um trabalho bom, que agradasse meus alunos, tentava reproduzir muito da forma como professores que eu havia tido e gostado faziam. Passava de uma escola para outra, conhecendo metodologias e só ficava onde sentia que tinha uma afinidade com o que eu achava que acreditava, como em metodologias comunicativas, em considerar o aluno como sujeito central no processo de aprendizagem e outros conceitos que eu aprendia superficialmente.

Comecei a sentir limitações no trabalho por falta de um diploma de graduação. Entrei no SENAC SP, em Sorocaba, como docente de Idiomas em 1995 e, no ano seguinte, na Universidade de Sorocaba para cursar Licenciatura em Letras.

A Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394 de 1996 trazia um parágrafo sobre a educação profissional e orientações para considerar o sujeito do processo de aprendizagem em sua totalidade e desenvolver competências. Porém, para os docentes de Idiomas do SENAC SP, era apenas a regulamentação do que já era nossa prática, ao menos era como arrogantemente interpretávamos. Eu participava de todos os módulos disponíveis de capacitação para docentes na instituição. Pensava que estava aprendendo muito, não percebia ainda que estava sendo bem treinada para executar uma metodologia pronta e que isso me fazia rígida e preconceituosa.

Particpei do primeiro módulo do Programa de Enriquecimento Instrumental do professor Reuven Feuerstein, gostei muito da lógica de aplicação dos instrumentos e das afirmações do Programa: somos todos modificáveis. Eu acreditava e acredito nisso, todos podemos nos modificar, e a modificação, no meu entender, é a transformação através da aprendizagem, por isso, não acredito que exista aluno que “não tenha jeito”.

Estive como professora de Inglês e Português no SESI SP por pouco tempo, pois em 2002 fui ao Acre e decidi me mudar para lá, procurei o SENAC do Acre e recebi a proposta de trabalhar em um projeto para a implantação de um setor de Idiomas, foi uma experiência

muito boa, mas muito sofrida pela dificuldade com a adaptação. Fiz uma especialização na Universidade Federal do Acre em Metodologia do Ensino Superior e concluí uma graduação em Administração pela UAB/UNB em 2007, mas o mestrado era ainda um sonho inatingível desde que concluí a graduação em Letras em 1998.

No SENAC do Acre, tive a oportunidade de trabalhar com docentes dos cursos de formação técnica, eu os reunia para tratarmos de como poderíamos desenvolver competências e fazer acontecer a transdisciplinaridade. Formatávamos os planos de curso em conjunto e a convivência com esses profissionais de Gestão, Informática, Gastronomia e outras áreas foi muito rica, bem como a oportunidade de conhecer o Departamento Nacional do SENAC, pois encontrei uma realidade muito mais abrangente da que eu vivia em São Paulo. Presenciava debates inusitados, discussões de temas que já costumavam chegar conclusos para mim enquanto docente de Idiomas em São Paulo. Mas era muito enraizada em mim, enquanto coordenadora no Acre, a ideia de que deveria ser construída uma metodologia e materiais para que o trabalho fosse mais uniforme, enquadrado.

Em 2011, assumi meu primeiro cargo público como professora de Educação Básica, Técnica e Tecnológica, aos poucos estou aprendendo o que isso significa. Tenho 4 turmas de Ensino Médio Integrado em informática, meus alunos têm, em média, a idade dos meus filhos adolescentes. E com a função de Professora, veio a oportunidade do Mestrado.

Em São Paulo, sempre trabalhei com turmas pequenas, na sua maioria o público era de trabalhadores da indústria ou aspirantes a um cargo em grande empresa, alguns estudavam o inglês para serem capazes de visitar as matrizes de suas fábricas no exterior ou alcançarem uma promoção. Outros eram acadêmicos ou jovens que já vislumbravam um bom emprego, uma viagem. Eu não tinha problemas de disciplina, não enfrentava discussões com alunos em torno da necessidade de ele estar ali e estudar, eles tinham interesse intrínseco.

Sabia de situações que colegas enfrentavam nas escolas públicas de periferia que ficavam apenas na minha imaginação e curiosidade: seria eu capaz de trabalhar com pessoas que demonstram tanto desinteresse pelos estudos?

A situação com a qual me deparei no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre foi insólita para mim. A primeira vez que entrei na sala de aula do primeiro ano do Ensino Médio Integrado fiquei chocada, a palavra é essa. Os alunos falavam demais, pareciam descompromissados, desinteressados, desleixados, indisciplinados. A estrutura era bastante precária, funcionava em um prédio pequeno alugado, as salas eram improvisadas.

Como estava grávida, fiquei com eles pouco tempo, ao retornar da licença, retomei com as turmas, não estavam muito diferentes, a estrutura, no entanto, era outra, prédio novo, salas amplas, mas ainda quase nada funcionava, não havia biblioteca, cantina, auditório ou internet, aguardamos alguns dias no início de 2012 até a energia ser ligada para iniciarmos o ano letivo.

Percebo que alguns professores evitam as turmas de Ensino Médio Integrado. O “Integrado” já virou uma entidade na instituição. Os professores recém chegados são “empurrados” para lá, pois os que já tiveram a experiência com os alunos tendem a rejeitá-los, a maioria sente muita dificuldade em dar aula. Ouço professores desabafarem: “não vejo a hora de me livrar desse ‘Integrado’”, eu cheguei a perguntar uma vez: “Por quê, professor?”, respondeu: “não fazem as atividades, não estudam, não prestam atenção na aula, se viesse outro professor para o campus, eu passava minhas turmas para ele!”. Para além disso, enfrentamos problemas com uso de drogas, falta de refeitório, de quadra para Educação

Física, de alunos que ficam passeando pelos corredores ou ficam em outras dependências do instituto, mas não em sala. Alunos às vezes se recusam a fazer atividades ou provas.

Eu trabalho com a disciplina de língua inglesa, minha primeira dificuldade foi com a falta de material para preparar aulas, há alguns anos eu não trabalhava com o ensino de inglês. Minha experiência tinha sido praticamente apenas em escolas de idiomas, onde os alunos são separados em turmas por nível de conhecimento e os livros e materiais já bem organizados, por outro lado, as turmas no IFAC são bastante heterogêneas. Há alunos com bastante facilidade por ter já estudado em escolas de línguas ou simplesmente por gostarem de inglês ou de músicas e filmes, porém há alunos com bastante dificuldade com sua própria língua e não conseguem sequer fazer uma analogia.

Eu queria ensinar a pronúncia, a gramática, a leitura, um pouco de conversação, mas o tempo da aula era curto demais, muitos alunos na sala, os que tinham mais dificuldade ficavam muito perdidos e eu percebia que não aprendiam nada. Outros aprendiam muito superficialmente, pois em uma aula seguinte já não conseguiam reproduzir nada do que havia sido trabalhado em aula anterior, ou seja, não aprendiam. Em reuniões, colegas reportam a mesma situação. Fazíamos solicitação de materiais para auxiliar no planejamento das aulas e para entregar aos alunos, pois, segundo gestores, havia verba de milhão de reais disponível para aquisição de livros, algum material até chegava, mas muitas áreas, como línguas estrangeiras, língua portuguesa e outras, ficaram praticamente sem nada, o motivo, não sei.

Ficamos mais de um ano sem material didático para os alunos, e os livros que chegaram depois eram em quantidade insuficiente para todos os alunos, não sendo possível que eles levassem para casa para estudar ou fazer alguma tarefa. Eu me sentia impotente e incompetente, não havia projetores em todas as salas ainda e até hoje temos que utilizar nossos próprios computadores em sala de aula. Não temos um apoio técnico adequado para auxiliar com os equipamentos porque alguns técnicos do Campus foram deslocados para a Reitoria. Carecemos de um apoio pedagógico para discutirmos metodologias ou a aprendizagem e de uma monitoria para auxiliar na confecção de materiais, por exemplo. O nosso planejamento se resume a distribuição de turmas e horários.

Em quatro anos de estudo em uma escola de ensino de inglês como língua estrangeira é possível adquirir competência linguística em nível intermediário ou avançado, ou seja, é possível chegar a se comunicar muito bem oralmente e por escrito, sendo capaz de ler e interpretar textos autênticos em diferentes áreas do conhecimento. Em três ou quatro anos de ensino médio o aluno poderia ou deveria chegar a um nível no mínimo intermediário, mas ele termina praticamente da mesma forma que iniciou, pode-se dizer incompetente na língua inglesa. Isso sempre me intrigou, como meu objetivo era que os alunos alcançassem aquele nível, trabalhando as quatro habilidades, minha frustração foi muito grande ao perceber que ficavam apáticos e demonstravam atitude de resiliência diante da dificuldade. “Eu não sei, professora, não entendo nada, nunca estudei inglês”, e isso parecia suficiente para abandonar a vontade de aprender. Mesmo com todos os problemas que enfrentei na minha vida pessoal, a escola e estudar sempre foram incentivadores até mesmo para eu continuar vivendo.

Houve momentos de eu engolir o choro em sala. O que sempre foi fonte de energia e satisfação para mim, havia se tornado uma tortura, me sentia profundamente triste ao ver jovens sadios e bonitos, sem demonstração da mínima vontade de aprender, não conseguia compreender o sentido de tanto desânimo. Ficavam conversando bobagens, o tempo todo vendo coisas inúteis no telefone, ou demonstrando estarem com sono. Perguntava para mim mesma: O que passa pela cabeça deles? Seriam sinceros se eu fizesse essa pergunta? Como podem estar sempre entediados?

A evasão e a reprovação chegam a mais de 50% nas turmas. No momento, parece que já conseguimos visualizar uma equipe pequena de professores que está mais presente com o Ensino Médio Integrado. Por vezes, informalmente, quando se encontram nos corredores conversam rapidamente e se convidam a planejar algo juntos para resolver uma dificuldade específica dos alunos, mas dificilmente se encontram novamente para concretizar uma ação. Tivemos vários coordenadores do Eixo Comunicação e Informação, ou seja, que cuidam de todos os cursos da área, não apenas do Ensino Médio Integrado, essa tem sido uma das sugestões e solicitações, que houvesse uma coordenação apenas para cuidar desse nível e forma de ensino.

Eliezer Pacheco, em 2009, enquanto secretário de educação profissional do MEC, registra em artigo disponível no sítio do MEC os resultados da aprovação dos alunos dos institutos federais no exame do ENEM. Os alunos dos institutos de 15 estados ficaram em primeiro lugar entre as escolas públicas e em Rio Grande do Norte e Ceará ficaram à frente das particulares, enfatiza, ainda, que o ensino médio aliado a uma qualificação profissional aumenta a probabilidade de permanência do jovem na escola, bem como da sua empregabilidade.

Outrossim, no Instituto Federal do Acre, encontramos alunos cursando o Ensino Médio Integrado aparentemente com grande desmotivação. A problemática é percebida através do alto índice de reprovação e evasão, bem como das observações tanto de professores em reuniões ou informalmente, como de alunos em sala de aula ou corredores. Os professores se percebem desmotivados, por vezes buscam desenvolver alguma atividade diferente buscando o envolvimento dos seus alunos que falam constantemente em mudar de escola. A equipe gestora tenta diversas maneiras para manter os alunos em sala de aula, evitar atrasos, estimular o estudo, a leitura, e até mesmo a realização de atividades e de provas. Cogita-se que não haverá concluintes da primeira turma que ingressou em 2011.

A proposta deste trabalho foi investigar sobre a motivação e a percepção desses alunos no curso e espero que os resultados possam contribuir com elementos significativos e que possam ser aproveitados no planejamento dos professores e equipe pedagógica. Foi elaborado um questionário com cinco perguntas para que os alunos respondessem escrevendo à vontade. Os alunos colocaram os motivos por terem escolhido o IFAC para estudar, suas expectativas e sua percepção do curso, foram também perguntados sobre suas pretensões para depois de concluírem o curso. Os professores receberam também um questionário para responder sobre suas expectativas com relação aos alunos e como os veem, foram convidados a dizer da sua visão de futuro para eles. Aos pais dos alunos foi explicado sobre a pesquisa e sua finalidade e foi solicitada a autorização deles através de termo de consentimento para a realização da abordagem aos alunos e sala de aula, que ficaram livres para responder ou não ao questionário.

Houve certo receio de uma ou duas pessoas, tanto em meio aos alunos quanto aos professores, dando a entender que não queriam falar tudo o que realmente pensavam, mas tentei deixá-los à vontade quanto a isso.

2 A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E A EXPANSÃO DA REDE FEDERAL NO BRASIL

A revolução política francesa e a revolução industrial inglesa, no final do século XVIII, têm como marco a construção, em 1780, do primeiro sistema fabril do mundo moderno em Lancashire, justificando uma nova organização social. Segundo Hobsbawm (1982),

a grande revolução de 1789-1848 foi o triunfo não da ‘indústria’ como tal mas da indústria *capitalista*; não da liberdade e da igualdade em geral, mas da classe média ou da sociedade ‘*burguesa liberal*’; não da ‘economia moderna’ ou do ‘Estado moderno’ mas das economias e estados em uma determinada região geográfica do mundo (parte da Europa e alguns trechos da América do Norte), cujo centro eram os estados rivais e vizinhos da Grã-Bretanha e da França (p.17) (apud PATTO, 1993, p.11)

Houve grandes revoluções sociais durante o período de passagem do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista entre 1789-1848; “em termos sociais e políticos, o advento do capitalismo mudou gradual mas inexoravelmente a face do mundo”, praticamente acabou com a monarquia como regime político dominante, nobreza e clero foram destituídos do poder econômico e político, não era mais viável a relação de produção dominante como servo-senhor feudal,

empurrou grandes contingentes das populações rurais para os centros industriais, gerou os grandes centros urbanos com seus contrastes, veio coroar o processo de constituição dos estados nacionais modernos e engendrou uma nova classe dominante – a burguesia – e uma nova classe dominada – o proletariado – explorada economicamente segundo as regras do jogo vigente no novo modo de produção que se instala e triunfa no decorrer desse século. Na primeira metade do século XIX, as mudanças propiciadas pela dupla revolução foram de tais proporções que alguns historiadores, como Hobsbawm (1982), não hesitam em considerá-las como “a maior transformação da história humana desde os tempos remotos, quando o homem inventou a agricultura e a metalurgia, a escrita, a cidade e o Estado. (p.17) (idem)

A ordem feudal estava cada vez mais “ultrapassada e improdutiva em termos econômicos” (PATTO, 1993), a produção agrícola era ineficiente, para os camponeses o mundo agrícola se tornava “lento e inviável” (idem), por outro lado, o comércio se desenvolvia em complexas redes de relações sociais proporcionadas pelas colonizações e crescimento das vias marítimas.

O mercador, que comprava artesanato para vender em grandes mercados, foi o precursor do capitalista industrial, inicia-se a especialização de processos e funções com as “subcategorias de trabalhadores semiqualeificados entre os camponeses”.

Os trabalhadores do campo gradualmente ficaram em condições insustentáveis para sua sobrevivência, partindo para as cidades e formando grupos de famintos que passaram a compor a nova classe de trabalhadores, os assalariados, vendendo sua força de trabalho, “o único bem que lhe resta, a energia de seus músculos e cérebro”. (PATTO, 1993)

Houve um período inicial de expansão da produção, do mercado e de grandes lucros, entre 1825 e 1848 a economia foi afetada por crises, nas quais era preciso baratear a produção para conter a diminuição da margem do lucro, para isso o salário tinha que ser rebaixado. O artesão semiproletarizado se tornava um operário industrial, um trabalhador proletário, uma pessoa das classes sociais baixas “que vive apenas do rendimento de seu trabalho manual ou mecânico”. (DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA)

As máquinas alteraram a quantidade e qualidade do trabalho humano que era necessário, sendo trabalhadores dispendiosos substituídos por menos e mais baratos, à medida que se dividem em proprietários e não proprietários das máquinas, é criada uma classe cuja relação de produção é alterada de produtor para alguém que pertence a outra pessoa, surgindo o trabalho alienado. Marx (Fromm, 1970 apud PATTO, 1993) descreve esse trabalho como aquele onde:

a) o trabalhador se sente contrafeito, na medida em que o trabalho não é voluntário mas lhe é imposto, é *trabalho forçado*; b) o trabalho não é a satisfação de uma necessidade mas apenas um meio para satisfazer outras necessidades; c) o trabalho não é para si, mas para outrem; e d) o trabalhador não se pertence, mas sim a outra pessoa. (PATTO, 1993, p. 15)

“Uma ação sistemática e permanente do Estado dirigida à orientação, supervisão e provisão do sistema educativo escolar”, segundo Zanotti (1972) apud Patto (1993), rigorosamente, é a política educacional que se inicia no século XIX baseada na crença de que era necessária e possível uma “vida social igualitária e justa”, no poder da razão e da ciência e na ideologia nacionalista.

A partir de 1848 é que a escola passa a ter valor como instrumento de ascensão e prestígio nos países capitalistas liberais e ricos. No século XX a escola passa por descrédito, não havia promovido a liberdade e a transformação da humanidade. O movimento escolanovista na Europa inicia a busca por novos princípios e práticas para a educação, ainda no século XIX.

No Brasil, o Ensino Profissional teve início com as corporações de ofício, os jesuítas contribuíram com a oferta de núcleos de formação profissional através das “escolas-oficinas” durante o período colonial, com formação voltada para a aprendizagem profissional e agrícola. Com a vinda da família real para o Brasil, houve abertura de portos ao comércio estrangeiro e permitida a instalação de fábricas que requeriam mão-de-obra especializada, sendo criado, em 1809, o “Colégio das Fábricas”. (SAMPAIO, 2009)

A partir de 23 de setembro de 1909, quando o então presidente Nilo Peçanha assinou o Decreto nº 7.566 que criava 19 Escolas de Aprendizes Artífices destinadas ao ensino profissional primário e gratuito, foi que a formação profissional passa a ser de responsabilidade do governo brasileiro, sua função era basicamente de inserir os alunos no mercado de trabalho, sabendo executar as tarefas pertinentes aos seus postos de trabalho, com rara preocupação com a formação teórica. (KUENZER, 1991, p.7 apud SAMPAIO, 2009, p.18)

Apesar do caráter assistencialista de toda a história da formação profissional no Brasil, conforme Parecer CNE/CEB nº 16/99, as decisões tomadas eram “circunstanciais”, essas escolas “para os pobres e humildes” tiveram sua importância na “história da educação profissional brasileira, ao se tornarem os embriões da organização do ensino profissional técnico na década seguinte”. A década de 20, que fomentou debates sobre a expansão do ensino profissional para pobres e ricos, no Rio de Janeiro, houve a criação da Associação Brasileira de Educação (ABE) com a realização de Conferências Nacionais de Educação. O Conselho Nacional de Educação foi criado em 1931, a Reforma Capanema em 1942 aprovou um conjunto de leis para a regulamentação da organização do ensino secundário e organização do ensino profissional comercial juntamente com a regulamentação da profissão de contador, sendo “o primeiro instrumento legal a estruturar cursos já incluindo a ideia de itinerários de profissionalização”. (BRASIL, 1999)

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova veio à luz em 1932, apregoando a organização de uma educação democrática, composta da base de uma cultura geral comum, sendo possíveis especializações para as humanidades e ciências ou para o tecnicismo. Houve também a V Conferência Nacional de Educação que impactou na Assembleia Nacional Constituinte de 1933, a Constituição de 1934 estabeleceu “traçar Diretrizes da Educação Nacional” e “fixar o Plano Nacional de Educação” como competências da União. (BRASIL, 1999)

A década de 30 gradualmente reclamava por mais profissionais especializados para a indústria, o comércio e serviços. Consequentemente, a partir de 1942, são baixadas, por decretos lei no Governo Vargas, as Leis Orgânicas da Educação Nacional, a “Organização da Rede Federal de Estabelecimentos de Ensino Industrial” e o conceito de menor aprendiz. Há a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), as escolas de aprendizes artífices são transformadas em escolas técnicas federais em 1946, estava solidificado o ensino profissional no Brasil ainda que julgado como “educação de segunda categoria”, pois era direcionada aos filhos de operários pobres. (idem)

O ensino secundário, o normal e o superior pertenciam a um Ministério e o ensino profissional pertencia a outro, no início da República, formalmente os dois ramos foram para um mesmo Ministério ainda na década de 30, porém com objetivos distintos, entre o educacional e o assistencial.

Somente na década de 50 que os concluintes do ensino profissional adquiriram a permissão para continuar com os estudos na academia em nível superior, contudo, deveriam comprovar conhecimentos nas disciplinas não estudadas, na década seguinte a equivalência passou a ser plena. A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi a Lei Federal nº 4.024/61 que, segundo texto do Parecer 16/99, tem seus efeitos no “quadro atual da educação profissional” pois introduziu o ensino profissional no segundo grau desprezando a carga horária da formação de base, desarranjou as redes públicas de ensino técnico e desarranjou “as redes do ensino secundário e normal mantidas por estados e municípios”, criou a imagem de que a formação profissional resolveria os problemas de emprego. O ensino na rede pública, que não teve o apoio suficiente, teve a qualidade rebaixada.

A Lei Federal nº 5.692/71 fundiu “caoticamente, habilitações profissionais dentro de um ensino de segundo grau sem identidade própria, mantido clandestinamente na estrutura de um primeiro grau agigantado”, havia urgência em se formar técnicos; em seguida, a Lei Federal nº 7.044/82 “praticamente restringiu a formação profissional às instituições especializadas”. Somente a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, através da Lei Federal nº 9.394/96, inicia a mudança da concepção de educação profissional que a subjugava, pois excede o caráter assistencialista e economicista ao considerá-la como meio de “permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva” quando associada “às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia”.

Com a preocupação de formar engenheiros de operação e tecnólogos, em 1978 as Escolas Técnicas Federais do Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro foram transformadas em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET), entre os anos de 80 e 90 as Escolas Técnicas Federais e Escolas Agrotécnicas Federais foram progressivamente se transformando em CEFET. Em 2005, a rede federal consistia de 144 unidades entre centros de educação tecnológica e suas unidades de ensino descentralizadas, uma universidade tecnológica no Paraná e seus campi, escolas agrotécnicas e escolas técnicas vinculadas a universidades federais, e incluindo também o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro.

O resultado de debates em torno da necessidade de uma forma de organização das instituições de educação profissional e tecnológica que fosse fortalecedora da estrutura imprescindível ao desenvolvimento educacional e socioeconômico do Brasil, foi a promulgação da Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

Estas instituições devem responder, de forma ágil e eficaz, às demandas crescentes por formação profissional, por difusão de conhecimentos científicos e de suporte aos arranjos produtivos locais. Os institutos federais podem atuar em todos os níveis e modalidades da educação profissional, com estreito compromisso com o desenvolvimento integral do cidadão trabalhador, devendo articular, em experiência institucional inovadora, todos os princípios fundamentais do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE): visão sistêmica da educação; enlace da educação com o ordenamento e o desenvolvimento territorial; aprofundamento do regime de cooperação entre os entes federados em busca da qualidade e da equidade. (SILVA, 2009, p.8)

CAPÍTULO 3: A IMPLANTAÇÃO DE UM INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA NO ESTADO DO ACRE

3.1 O Estado do Acre

O Acre é um dos menores e mais isolados Estados brasileiros (Figura 1), porém, concentra uma enorme biodiversidade, sua riqueza natural atrai pesquisadores pelo mundo. Seu relevo apresenta colinas e montanhas próximas ao Peru, com altitude de 300 até 580 metros acima do nível do mar, paralelo ao rio Amazonas a altitude dos desníveis não passa de 250 metros, às margens dos principais rios encontram-se grande número de lagos e inundações. O clima predominante é o amazônico equatorial, propício à propagação da diversidade, com elevada temperatura e umidade, com temperatura variando entre 24,5°C e 32°C, e duas estações bem definidas, a chuvosa, com umidade em torno de 80 a 90%, e a seca. Os núcleos urbanos estão às margens dos rios (Figura 2) e o transporte via rede hidrográfica é bastante utilizado. (BRASIL ESCOLA)



Figura 1



Figura 2

De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população do Estado do Acre em 1940 era de 79.768, aumentou significativamente até 2010 chegando a 733.559 habitantes, 14.318 destes são indígenas, 72,6% reside nas áreas urbanas e 27,4% nas áreas rurais, 50,2% são homens e 49,8% são mulheres; está localizado na parte oeste da região Norte, fazendo fronteira (Figura 3) com os países Bolívia e Peru. O Acre possui extensão territorial de 164.122,280 quilômetros quadrados (Figura 4), compreendendo as cinco microrregiões: Brasiléia, Cruzeiro do Sul, Rio Branco, Sena Madureira e Tarauacá e vinte e dois municípios. A população acreana (cf. Posicionamento Academia Acreana de Letras) recebeu imigrantes nordestinos, sulistas e paulistas. (BRASIL ESCOLA).



Figura 3

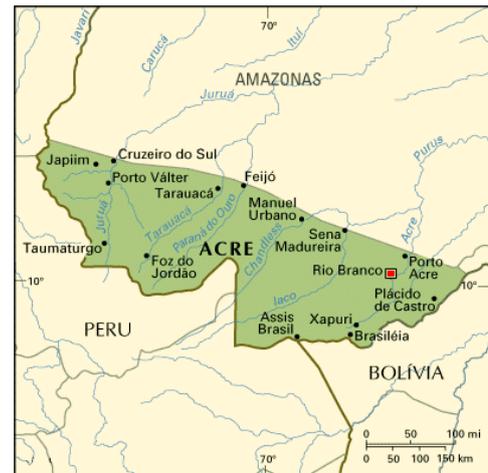


Figura 4

A capital, Rio Branco, (Figuras 5 e 6) concentra quase metade da população total do Estado, 336.038 habitantes, Cruzeiro do Sul é a segunda cidade mais populosa com 78.507 habitantes, em seguida Sena Madureira com 38.029, Tarauacá com 35.590, Feijó com 32.412 e Brasiléia, 21.398. Tem acesso a água tratada menos de 40% da população, ao esgoto 34,8%, 15,4% são analfabetos, a mortalidade infantil é de 28,9 óbitos a cada mil nascidos vivos e a expectativa de vida é de 71 anos, o IDH do Acre cresceu 61% nas últimas duas décadas, em 2010 era de 0,751, acima da média nacional, segundo o coordenador do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, em entrevista ao G1.



Figura 5



Figura 6

O setor de serviços contribui com 68,1% do PIB, a indústria com 14,7% e a agricultura com 17,2%. A extração da borracha (Figura 7) foi responsável pela povoação do Estado, que hoje exporta madeira, produz castanha, açaí e óleo de copaíba. A base da agricultura é o plantio da mandioca (Figura 8), milho, arroz, feijão, frutas e cana-de-açúcar, os segmentos da indústria são alimentício, madeireiro (Figura 9), cerâmica, mobiliário e têxtil. (BRASIL ESCOLA)



Figura 7



Figura 8



Figura 9

3.2 O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (IFAC)

Em 2007, foi criada a Escola Técnica Federal do Acre, com sede na capital Rio Branco, através da Lei 11.534 de 25 de outubro de 2007, com orçamento até 2009 de R\$ 5.721.641, na presidência do Sr. Luiz Inácio Lula da Silva, o Ministro da Educação era Fernando Haddad e o Secretário de Educação Profissional e Tecnológica, o senhor Eliezer Moreira Pacheco. O diretor *pro tempore*, José Carlos Mello, “ficou encarregado de ouvir as demandas apresentadas em pesquisas e conferências organizadas pelo Instituto Dom Moacyr, instituição do Governo do Estado do Acre” (www.ifac.edu.br), que já tomava conta da antiga Escola Agrícola e vinha, desde o ano de 2000 organizando a oferta de Educação Profissional no Acre, o Instituto do Estado realizou e continua realizando pesquisas e estudos em Educação Profissional.

A Lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008 institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e cria o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia mediante transformação da Escola Técnica Federal do Acre, autarquia vinculada ao Ministério da Educação com os seguintes objetivos:

- I - ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional;
- II - desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais;
- III - promover a integração e a verticalização da educação básica à educação profissional e educação superior, otimizando a infraestrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão;
- IV - orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação do Instituto Federal;
- V - constituir-se em centro de excelência na oferta do ensino de ciências, em geral, e de ciências aplicadas, em particular, estimulando o desenvolvimento de espírito crítico, voltado à investigação empírica;
- VI - qualificar-se como centro de referência no apoio à oferta do ensino de ciências nas instituições públicas de ensino, oferecendo capacitação técnica e atualização pedagógica aos docentes das redes públicas de ensino;
- VII - desenvolver programas de extensão e de divulgação científica e tecnológica;

VIII - realizar e estimular a pesquisa aplicada, a produção cultural, o empreendedorismo, o cooperativismo e o desenvolvimento científico e tecnológico;

IX - promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente as voltadas à preservação do meio ambiente.

Concernente aos objetivos, os Institutos devem:

I - ministrar educação profissional técnica de nível médio, **prioritariamente na forma de cursos integrados (grifo meu)**, para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos;

II - ministrar cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores, objetivando a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização de profissionais, em todos os níveis de escolaridade, nas áreas da educação profissional e tecnológica;

III - realizar pesquisas aplicadas, estimulando o desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas, estendendo seus benefícios à comunidade;

IV - desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica, em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais, e com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos;

V - estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional; e

VI - ministrar em nível de educação superior:

a) cursos superiores de tecnologia visando à formação de profissionais para os diferentes setores da economia;

b) cursos de licenciatura, bem como programas especiais de formação pedagógica, com vistas na formação de professores para a educação básica, sobretudo nas áreas de ciências e matemática, e para a educação profissional;

c) cursos de bacharelado e engenharia, visando à formação de profissionais para os diferentes setores da economia e áreas do conhecimento;

d) cursos de pós-graduação lato sensu de aperfeiçoamento e especialização, visando à formação de especialistas nas diferentes áreas do conhecimento; e

e) cursos de pós-graduação stricto sensu de mestrado e doutorado, que contribuam para promover o estabelecimento de bases sólidas em educação, ciência e tecnologia, com vistas no processo de geração e inovação tecnológica.

As unidades do Instituto Federal do Acre implantadas inicialmente foram distribuídas nas microrregiões do Baixo Acre (sede em Rio Branco), Juruá (sede em Cruzeiro do Sul) e Purus (sede em Sena Madureira), foram realizados cinco concursos públicos e instalado um Campus Avançado com sede própria doada pelo Governo do Estado do Acre em Xapuri. O primeiro Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) foi elaborado com vigência 2009 a 2013, com a função de “embasar as decisões, racionalizar os processos e o uso dos recursos e, também, auxiliar as ações institucionais ao longo do tempo” (PDI/IFAC, 2009-2013) e trazia como missão:

Promover, mediante ações integradas de ensino, pesquisa e extensão, uma educação de qualidade social, contribuindo para o crescimento socioeconômico local, regional e nacional, na perspectiva do desenvolvimento sustentável e da integração com as demandas da sociedade e o setor produtivo

A visão era: “Ser uma Instituição de referência nacional em formação humanística, profissional e tecnológica que promove educação, ciência e tecnologia de forma sustentável e sempre em benefício da sociedade”, em 2014, antes mesmo da apresentação do novo PDI, a missão mudou para: “Educar, inovar e interagir com a sociedade promovendo inclusão, emancipação, cidadania e desenvolvimento sustentável”, e a visão para: “Ser responsável pela nova revolução do Acre através da Educação, Ciência e Tecnologia”.

Os trabalhos do Instituto começaram efetivamente no segundo semestre de 2010, com dois Campus, o de Cruzeiro do Sul e o de Sena Madureira, em imóveis cedidos pelo Governo do Estado, um Campus avançado em Xapuri em sede também doada pelo Governo do Estado, o Campus Rio Branco funcionava em sede alugada à Avenida Antônio da Rocha Viana, 1812, no bairro Vila Ivonete, “com a oferta de nove cursos com ênfase nos eixos tecnológicos de Recursos Naturais e Ambiente, Saúde e Segurança, com aproximadamente 400 discentes” (PPC Curso Integrado).

Dois reitores participaram diretamente do processo de implantação. O IFAC é um dos 38 institutos instituídos à época no país. Em 2010, o Dr. Marcelo Minghelli assume a Reitoria, como interventor, convidado por Eliezer Moreira Pacheco. Segundo Breno Carrillo Silveira, Reitor desde 2012, em entrevista a um programa de televisão de transmissão local, a atuação do professor Marcelo foi decisiva para a centralização da ação democrática, trazendo a liderança e uma identidade institucional, bem como colaborou com a formação de quadros da casa, proporcionou o entendimento de que o “IFAC é do povo do Acre, pois o objetivo não é que o Instituto seja de um pequeno grupo ou corporação, mas sim de democratizar a educação e colaborar com a inclusão social”.

Na listagem da equipe no relatório de gestão do exercício de 2010, o professor Marcelo Minghelli assume a Reitoria a partir de 30/11/2010, tendo sido Reitor o senhor Elias Vieira de Oliveira até 29/11/2010, no entanto, no corpo do relatório este último foi exonerado em 19 de novembro de 2010.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre - IFAC foi criado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva que sancionou a lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, através da transformação da Escola Técnica Federal do Acre sob a responsabilidade do Instituto Federal do Amazonas – IFAM tendo em vista a atribuição de competência dada através da Portaria Ministerial nº 1.065 de 13 de novembro de 2007, publicada em 14/11/2007, ao Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas, que foi transformado no Instituto Federal do Amazonas – IFAM. Por consequência, os recursos relacionados à contratação das empresas para construção dos Campi e da sede do IFAC, bem como a aquisição de alguns materiais e equipamentos, ficaram sob a responsabilidade do IFAM. Em 07 de janeiro de 2009 foi nomeado o servidor José Carlos Nunes de Mello para exercer a função de Reitor pro tempore do IFAC, conforme portaria Ministerial nº 19 de 08/01/2009, tendo o mesmo em 17 de dezembro de 2009, sido substituído pelo senhor Elias Vieira de Oliveira, através da Portaria Ministerial nº 1.192, de 17 de dezembro de 2009, publicada em 18/12/2009. No primeiro semestre do exercício de 2010, foram realizados cinco concursos públicos para admissão de

docentes e servidores para o IFAC. Em 19 de novembro de 2010, o senhor Elias Vieira de Oliveira foi exonerado, a pedido, através da Portaria nº 1.336 e o professor Marcelo Minghelli foi nomeado Reitor pro tempore do IFAC, através da portaria Ministerial nº 1.337 de 19 de novembro de 2010, publicada em 22/11/2010.

Em 2012, foi autorizado outro Campus em Rio Branco, com o objetivo de atender cerca de quinze bairros, com 75 mil habitantes, o Campus Baixada do Sol. Mais um Campus teve autorização da presidenta Dilma Rousseff para funcionamento, em Tarauacá, que está sendo construído em 77 hectares de terra doados pelo Governo do Estado, às margens da BR-364, 1.800 metros de Cruzeiro do Sul. Os primeiros cursos serão Técnico em Finanças na forma subsequente e o Técnico de Informática para Internet a distância, para o segundo semestre de 2014 estão previstos PROEJA em Técnico de Fruticultura, Licenciatura em Pedagogia e Tecnólogo em Agronegócios. (ASSESSORIA IFAC)

Assim, em 2014, o IFAC oferece cursos em todas as microrregiões do Estado, cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em: Agropecuária, Informática, Biotecnologia e Meio Ambiente; Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado na modalidade de EJA em: Controle Ambiental, Cooperativismo, Manutenção e Suporte de Informática, Administração e Química; Educação Profissional Técnica de Nível Médio Subsequente em: Administração, Agroecologia, Agropecuária, Aquicultura, Cooperativismo, Controle Ambiental, Edificações, Informática, Meio Ambiente, Segurança do Trabalho, Florestas, Biotecnologia e Recursos Humanos; Educação Profissional Tecnológica de Nível Superior em: Agroecologia, Gestão Ambiental, Logística e Processos Escolares; Licenciatura em: Matemática, Ciências Biológicas, Física e Química; Bacharelado em: Zootecnia; Pós-Graduação Lato Sensu em: Gestão da Educação Profissional, Científica e Tecnológica; Programas especiais: Mulheres Mil, PRONATEC (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego), Educação a distância e ProFuncionário (Programa de Formação Inicial em Serviço dos Profissionais da Educação Básica dos Sistemas de Ensino Público).

CAPÍTULO 4: O CURSO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA AO ENSINO MÉDIO NO CAMPUS RIO BRANCO DO INSTITUTO FEDERAL DO ACRE

O curso de Educação Profissional de Nível Médio na forma Integrada ao Ensino Médio regular do Campus Rio Branco do IFAC está no Eixo Informação e Comunicação, foi criado através da Resolução de nº 51 publicada em 29 de dezembro de 2011 que autoriza o curso para Sena Madureira, procura atender ao Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, com funcionamento previsto para os turnos matutino e vespertino, oferecendo 40 vagas na modalidade presencial, a partir de 2011, com 3.755 horas em 8 semestres letivos, culminando no diploma de Técnico em Informática. A primeira turma em Rio Branco era semestral, foram 62 alunos matriculados, 20 evadiram e 9 foram reprovados. Em 2012, 33 alunos foram matriculados na segunda série e 50 na primeira, um total de 83 alunos, sendo 25 evadidos e 10 reprovados ao final do ano.

Em 2013, 94 alunos fizeram matrícula nas primeira, segunda e terceira séries, terminando o ano com 27 evadidos e 21 reprovados. Em 2014, temos 105 alunos distribuídos da seguinte maneira: 47 na primeira série; 22 na segunda, do total de 49 da primeira série mais os reprovados da segunda série do ano anterior; 24 na terceira série, dos 26 do ano anterior mais os reprovados; apenas 12 na quarta série, dos 62 matriculados em 2011.

Na turma de 2011 a evasão foi grande todos os anos, a turma de 2012 teve grande evasão na primeira série apenas, na segunda série a maioria dos alunos se manteve, uma característica muito presente nesta turma é maior participação dos pais em reuniões, são pais que costumam procurar a Coordenação do curso vez ou outra para acompanhar o desenvolvimento e o comportamento dos filhos. A turma de 2013 passou de 59 para 22, a turma chegou a ser dividida em duas mas os alunos foram abandonando a escola muito rapidamente durante o ano, 3 estudantes estão repetindo a primeira série, estão cursando a segunda série com dependências.

O Plano Pedagógico do Curso (PPC) foi elaborado pelo primeiro Coordenador do eixo, tendo sofrido alterações a cada nova Coordenação. Uma equipe da Pró-Reitoria de Ensino (PROEN) avaliou e resolveu adotar o mesmo Plano para Sena Madureira e Rio Branco. Feitas alterações pela última Coordenação do Eixo Informação e Comunicação em 2013, o Plano está aguardando aprovação da PROEN.

O presente documento se constitui do projeto pedagógico do curso Técnico de Nível Médio em Informática, na forma Integrada, referente ao eixo tecnológico Informação e Comunicação do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos. Este projeto pedagógico de curso está fundamentado nas bases legais, nos princípios norteadores e níveis de ensino explicitados na LDB nº 9.394/96, bem como, no Decreto 5.154/2004, Resolução CNE/CEB nº 1/2004, nos referenciais curriculares e demais resoluções e decretos que normatizam a Educação Profissional Técnica de Nível Médio no sistema educacional brasileiro.

A Resolução CNE/CEB nº 2 de 30 de janeiro de 2012, que define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, o Parecer CNE/CEB nº 11/2012 e a Resolução nº 6 de 20 de setembro sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio são importantes referências que não são mencionadas.

Está presente, também, como marco orientador desta proposta, as decisões institucionais traduzidas nos objetivos desta instituição e na compreensão da educação como uma prática social, os quais se materializam na função social do IFAC de promover uma educação científica, tecnológica e humanística, visando formar e qualificar cidadãos, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional.

A visão apresentada no PPC é baseada em uma frase do Reitor Marcelo Mingheli, de que a nova revolução acriana se daria pela educação, ciência e tecnologia e diferente da visão do Plano de Desenvolvimento Institucional 2009-2013, também disponível no sítio do IFAC, documento legalmente necessário à aprovação de cursos superiores e ferramenta de Planejamento e Gestão, “apresenta a identidade da instituição e as suas estratégias para o cumprimento da missão institucional”. (PDI/IFAC, 2009-2013)

O Plano de Curso ainda propõe:

...oferecer o Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio buscando contribuir para a elevação da qualidade dos serviços prestados à sociedade, através de um processo de apropriação e de produção de conhecimentos científicos e tecnológicos, capazes de impulsionar o desenvolvimento econômico do Estado do Acre.

Dos alunos da primeira turma (2011) nenhum esteve engajado em algum projeto de produção científica ou tecnológica, e até agora nenhum aluno de outra turma esteve nesta situação. O curso pretende formar profissionais para “implementação, avaliação, suporte e manutenção de sistemas e de tecnologias de processamento e transmissão de dados e informações, incluindo hardware e software, visando às aplicações na produção de bens, serviços e conhecimentos”, além disso, desenvolver plenamente o educando, a sua capacidade “de gerar conhecimentos a partir de uma prática interativa com a realidade” e com audaciosa proposta de provocar “construções intelectuais elevadas, mediante apropriação de conceitos necessários à intervenção consciente na realidade”.

Com relação à formação dos nossos alunos, o curso parece exigir muito por intentar desenvolver um profissional que atue em diversos segmentos da informática, ao “**ênfatizar** o desenvolvimento e **manutenção de sistemas de informação, banco de dados, manutenção de hardware, atendimento e suporte** aos usuários, assim como o **suporte técnico em equipamentos de informática e redes de computadores**” (grifo meu) ou pode-se supor que a formação é superficial uma vez que no Catálogo Nacional de Cursos Técnicos do MEC o Técnico em Informática tem a ênfase apenas nos programas (*softwares*):

Desenvolve programas de computador, seguindo as especificações e paradigmas da **lógica de programação** e das **linguagens de programação**. Utiliza ambientes de **desenvolvimento de sistemas, sistemas operacionais e banco de dados**. Realiza testes de **programas de computador**, mantendo registros que possibilitem **análises** e refinamento dos resultados. Executa **manutenção de programas de computadores** implantados. (grifos meus)

A internet não é mencionada antes, mas serve como justificativa para esse “perfil” eclético, menciona-se a inserção do formando no mundo do trabalho, mas não há dados substanciais, confiáveis, sobre o mercado local, e o “espaço cada vez mais preponderante” da

internet fazendo parte do “planejamento de desenvolvimento estratégico do Acre” é uma informação vaga e imprecisa.

Este perfil possibilita uma perspectiva de atuação diferenciada ao profissional para sua inserção no mundo do trabalho, visto que os profissionais que dominam essas tecnologias são cada vez mais necessários no contexto atual, em que a internet ocupa um espaço cada vez mais preponderante, fazendo parte também do planejamento de desenvolvimento estratégico do Estado do Acre.

Não há uma justificativa no texto do plano para uma formação tão abrangente, seriam necessárias mais 3.000 horas para que isso fosse possível, ao menos de acordo com o Catálogo Nacional, pois ele traz mais outros três cursos, cada um com no mínimo 1.000 horas para a formação de Técnico em Informática para Internet, Técnico em Manutenção e Suporte em Informática e Técnico em Rede de Computadores. Além de sugerir mais cinco cursos no mesmo eixo: Técnico em Computação Gráfica, Técnico em Programação de Jogos Digitais, Técnico em Sistemas de Comutação, Técnico em Sistemas de Transmissão e Técnico em Telecomunicações. Cursos tais que provavelmente trouxessem maior contribuição para a “revolução” proposta, não é mencionada nenhuma pesquisa de mercado que embase a decisão de elaborar um curso desta natureza, não há no plano uma previsão de quantos profissionais o mercado de trabalho suporta receber ou de quais outras profissões da Informação e Comunicação Rio Branco carece.

Os objetivos específicos se confundem entre objetivos finais da formação profissional do estudante e objetivos do curso:

- Atuar no projeto e construção de sistemas de software em geral;
- Adquirir condições para a análise de problemas organizacionais e para usar, de forma adequada e econômica, recursos de hardware e software na sua solução;
- Utilizar diferentes linguagens de programação e diferentes Sistemas Gerenciadores de Banco de Dados;
- Conhecer e compreender as principais técnicas para modelar e especificar sistemas de software;
- Implementar sistemas de software para Internet baseados nos modelos propostos;
- Validar e implantar sistemas de software para diversas necessidades;
- Entender, detectar e corrigir problemas em hardware e redes de computadores;
- Compreender as reais necessidades do mundo do trabalho, tendo a função de organizar, coordenar e criar soluções tecnológicas adequadas para a transformação;
- **Fomentar a preparação do educando** para o trabalho e a cidadania, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- **Proporcionar uma educação profissional** que contribua para a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. (grifo meu)

O perfil de conclusão, a meu ver, é outro problema, pois propõe várias atitudes e valores que não são incentivados ou adquiridos em um curso com uma matriz curricular de disciplinas estanques, distribuídas em intervalos de 45 minutos de aula com professores que às

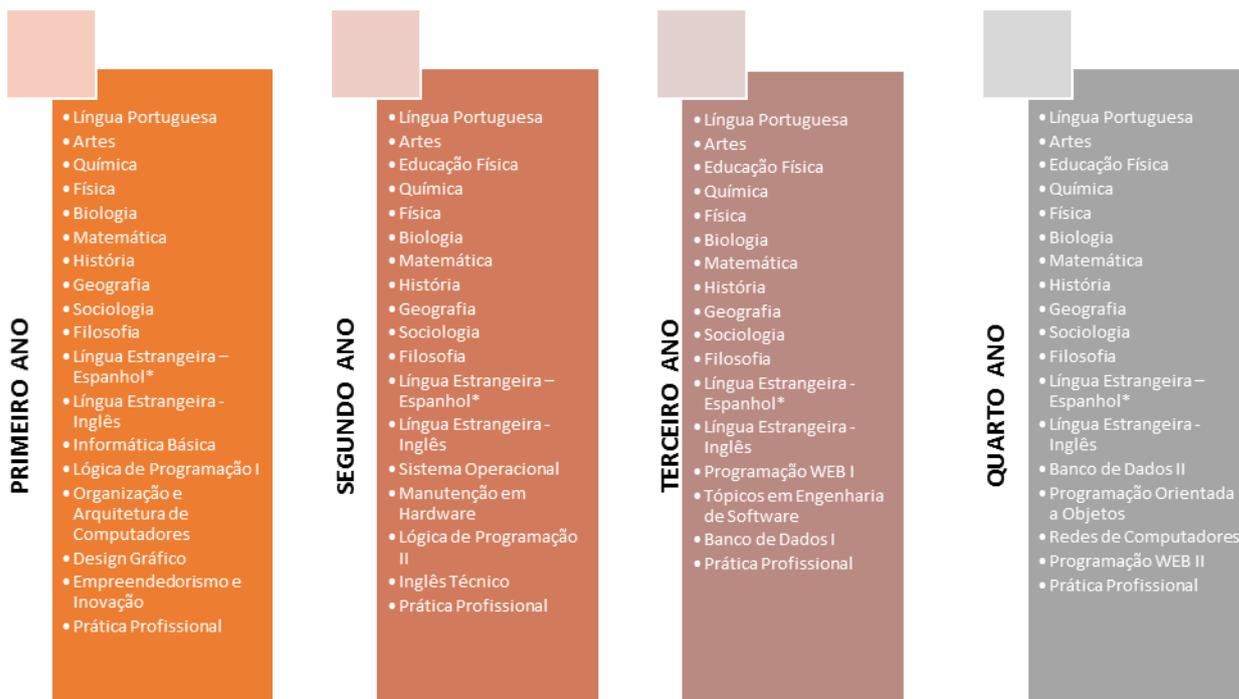
vezes se apresentam e se conhecem nos corredores. A redação mistura perfil com justificativa e torna confuso o entendimento. Descreve o perfil que é transcrito do Catálogo de Cursos do MEC e não menciona o resultado do desenvolvimento das competências que deveriam ser trabalhadas para a manutenção de *hardware* ou de redes, por exemplo.

O egresso do curso técnico em Informática integrado ao ensino médio será um profissional, com uma sólida formação teórico-prática, **postura humanística e ética** com **capacidade de aprender** permanentemente, com **raciocínio lógico** que lhe permita a compreensão e resolução de problemas, **capazes de participar de equipes de profissionais indispensáveis no mundo atual, caracterizado pela crescente busca por conhecimento e novas tecnologias e pela intensa conectividade**, capaz de **atuar de forma empreendedora** junto ao mundo do trabalho, atuando nas iniciativas públicas ou privadas, bem como no terceiro setor que requer profissionais aptos nesta área.

De acordo com o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, o técnico em Informática desenvolve programas de computador, seguindo as especificações e paradigmas da lógica de programação e das linguagens de programação. Utiliza ambientes de desenvolvimento de sistemas, sistemas operacionais e banco de dados. Realiza testes de programas de computador, mantendo registros que possibilitem análises e refinamento dos resultados. Executa manutenção de programas de computadores implantados.

O Plano de Curso apresenta, ainda, a interdisciplinaridade, a integração, o trabalho com “temas complexos”, conceitos que não são explorados entre os professores do curso.

O curso Técnico em Informática visa promover através de ações integradas entre ensino, pesquisa e extensão, uma formação profissional ampla, que possibilita atender a demanda significativa de profissionais de nossa região.



Contudo, o mais grave, a meu ver, está na menção ao currículo integrado e em “abordagens embasadas na perspectiva de complexos temáticos” e depois:

Todavia **seja qual for a forma de organização** para a construção do currículo integrado, torna-se imprescindível o diálogo entre as experiências construídas, o diagnóstico das realidades e demandas locais e a existência de um planejamento elaborado e executado de maneira coletiva e democrática. Isso indica a **necessidade de encontros pedagógicos periódicos** de todos os **sujeitos envolvidos no processo**.

Está claro que não há um planejamento e uma organização, o Plano faz entender que isso ainda está por acontecer e que o “IFAC organizará projetos interdisciplinares”, generalizando e deixando de colocar a responsabilidade para alguém ou algum setor ou câmpus especificamente. O primeiro PDI do IFAC prevê atendimento extraclasse ao aluno.

Se quisermos incentivar o espírito crítico, criativo e a flexibilidade de pensamento, as atividades pedagógicas institucional não deve se restringir as que são desenvolvidas no contexto das aulas, realizar os trabalhos escolares, estudar para as avaliações sistemáticas, como se o educando fosse passivo nesse processo e cumprisse somente com as atividades para obter as notas e ser aprovado ao final de um período letivo. Os alunos muitas vezes necessitam de atendimento extraclasse, como forma de se complementar as atividades desenvolvidas em sala de aula. (PDI-IFAC, 2009)

Para tentar amenizar a falta desse atendimento, o Coordenador do Eixo Informação e Comunicação que assumiu no início do ano de 2014 criou a “tutoria” de turma, para cada turma de Ensino Médio Integrado existe um professor que tem a responsabilidade de

acompanhar mais de perto os alunos. Eu tenho uma turma para “cuidar”; ao conversar com os alunos para saber como estavam, recebi várias reclamações de dificuldade com a disciplina de Física. Ao conversar com o professor, me explicou que não poderia “baixar o nível”, que os alunos precisariam “correr atrás”. Perguntei qual seria o problema na opinião dele e me disse que tinham muita deficiência em Matemática e interpretação de textos, por isso não acompanhavam suas aulas e que já havia pensado em recorrer ao professor de Matemática para aulas de reforço, no entanto, este tinha carga horária completa, como todos os outros da mesma disciplina.

Em busca de encontrar uma alternativa, ouvi um aluno dizer que um colega de classe era muito bom em Matemática, tive a ideia de pedir que ele estudasse com os colegas, gostou da proposta e o Coordenador orientou para que fosse escrito um Projeto de Extensão e a ideia está crescendo, temos a intenção de envolver outros alunos que se destacam em outras matérias para serem mediadores, talvez, de atividades com os colegas que têm dificuldades, mas esta é uma ação isolada e incipiente, não há um suporte pedagógico para resolvermos essas questões.

A matriz curricular do curso contradiz a proposta de trabalhar com temas complexos ou projetos temáticos. A ideia de integralização é apenas a de “somar” a carga horária das disciplinas específicas da área com as do núcleo comum.

MATRIZ CURRICULAR

1º ANO				
Ord.	Código	Disciplina	Pré-requisito(s)	C.H. (horas)
1	INFII011	Língua Portuguesa		90
2	INFII021	Artes		30
3	INFII041	Química		60
4	INFII051	Física		60
5	INFII061	Biologia		60
6	INFII071	Matemática		90
7	INFII081	História		45
8	INFII091	Geografia		45
9	INFII101	Sociologia		30
10	INFII111	Filosofia		30
11	INFII121	Língua Estrangeira - Espanhol*		30
12	INFII131	Língua Estrangeira - Inglês		30
13	INFII2141	Informática Básica		60
14	INFII2151	Lógica de Programação I		60
15	INFII2161	Organização e Arquitetura de Computadores		60
16	INFII2171	Design Gráfico		60
17	INFII2181	Empreendedorismo e Inovação		30
18	INFII3191	Prática Profissional		30
19		Educação Física		80
Carga horária total				990
2º ANO				
Ord.	Código	Disciplina	Pré-requisito(s)	C.H. (horas)
19	INFII202	Língua Portuguesa		90
20	INFII212	Artes		30
21	INFII222	Educação Física		80
22	INFII232	Química		60
23	INFII242	Física		60
24	INFII252	Biologia		60
25	INFII262	Matemática		90

26	INFII272	História		45
27	INFII282	Geografia		45
28	INFII292	Sociologia		30
29	INFII302	Filosofia		30
30	INFII312	Língua Estrangeira - Espanhol*		30
31	INFII322	Língua Estrangeira - Inglês		30
32	INFII2332	Sistema Operacional		60
33	INFII2342	Manutenção em Hardware		60
34	INFII2352	Lógica de Programação II		75
35	INFII3372	Prática Profissional		30
				885
3º ANO				
Ord.	Código	Disciplina	Pré-requisito(s)	C.H. (horas)
36	INFII383	Língua Portuguesa		90
37	INFII393	Artes		30
38	INFII403	Educação Física		80
39	INFII413	Química		60
40	INFII423	Física		60
41	INFII433	Biologia		60
42	INFII443	Matemática		90
43	INFII453	História		45
44	INFII463	Geografia		45
45	INFII473	Sociologia		30
46	INFII483	Filosofia		30
47	INFII493	Língua Estrangeira - Espanhol*		30
48	INFII503	Língua Estrangeira – Inglês		30
49	INFII2523	Programação WEB I		60
50	INFII2533	Tópicos em Engenharia de Software		60
51	INFII2543	Banco de Dados I		60
52	INFII3553	Prática Profissional		30
Carga horária total				870
4º ANO				
Ord.	Código	Disciplina	Pré-requisito(s)	C.H. (horas)
53	INFII564	Língua Portuguesa		90
54	INFII574	Artes		30
55	INFII584			
56	INFII594	Química		60
57	INFII604	Física		60
58	INFII614	Biologia		60
59	INFII624	Matemática		90
60	INFII634	História		45
61	INFII644	Geografia		45
62	INFII654	Sociologia		30
63	INFII664	Filosofia		30
64	INFII674	Língua Estrangeira - Espanhol*		30
65	INFII684	Língua Estrangeira - Inglês		30
66	INFII2694	Banco de Dados II		60
67	INFII2704	Programação Orientada a Objetos		60
68	INFII2724	Redes de Computadores		60
69	INFII2734	Programação WEB II		60
70	INFII3744	Prática Profissional		30
Carga horária total				870
INTEGRALIZAÇÃO DO CURSO				
Carga horária total do Núcleo Comum (1)				2550

Carga horária total do Núcleo específico (2)	885
Carga horária total de Prática Profissional (3)	120
Carga horária total de Estágio Supervisionado (4)	200
Carga horária total do Curso	3755

A prática profissional, que pressupõe o desenvolvimento de atividades integradoras, de extensão, de pesquisa, de desenvolvimento de produtos e de exercício da profissão não parece ser planejada, incentivada, organizada e subsidiada com esse fim. A biblioteca não possui toda a bibliografia das ementas e nem um sistema que permita o empréstimo de livros, os laboratórios específicos não estão organizados. Segundo o próprio Plano do Curso, “as instalações necessárias ao funcionamento do curso” são:

Qtde.	Espaço Físico	Descrição
08	Salas de Aula	Com 40 carteiras, condicionador de ar, disponibilidade para utilização de notebook com projetor multimídia.
01	Sala de Audiovisual	Com 60 cadeiras, projetor multimídia, computador, lousa interativa, saída para rede de internet.
01	Auditório	Com 160 lugares, projetor multimídia, notebook, sistema de caixas acústicas e microfones.
01	Biblioteca	Com espaço de estudos individual e em grupo, equipamentos específicos e acervo bibliográfico e de multimídia. Quanto ao acervo da biblioteca deve ser atualizado com no mínimo cinco referências das bibliografias indicadas nas ementas dos diferentes componentes curriculares do curso.
01	Laboratório de Informática	Com 40 máquinas, software e projetor multimídia.
01	Laboratório de Biologia	Com bancadas de trabalho, equipamentos e materiais específicos.
01	Laboratório de Química	Com bancadas de trabalho, equipamentos e materiais específicos.
01	Laboratório de Física	Com bancadas de trabalho, equipamentos e materiais específicos.
01	Laboratório de Estudos de Tecnologias	Com bancadas de trabalho, equipamentos e materiais específicos.

CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

5.1 Fracasso escolar

O descontentamento com a escola já vem há décadas, enquanto as mudanças tecnológicas ainda sequer eram tão rápidas, Ceccon (1990) e outros discutiam a falta de entendimento entre os envolvidos no processo escolar, a frustração dos professores, a insatisfação dos alunos, a discriminação preconceituosa, as contradições, o fracasso, a discrepância da realidade dentro e fora. A aprendizagem na escola vai para além dos conteúdos, porém, os valores e comportamentos cultivados nem sempre são os que irão colaborar com uma sociedade mais solidária e justa.

A professora Sílvia Gonçalves, minha primeira orientadora, me indicou a leitura de Maria Helena Patto, que faz um resgate histórico muito rico em sua obra *A Produção do Fracasso Escolar* que me ajudou a compreender melhor o contexto da situação da escola e sua relação com os estudos da psicologia, por isso decidi utilizar sua obra para fundamentar meu trabalho. Senti necessidade de buscar entender melhor a história da educação profissional desde sua origem até o conceito da criação dos Institutos Federais, para isso, além de Patto, busquei os estudos das legislações e algumas discussões de Ramon de Oliveira. No início, pensei que meu trabalho seria investigar sobre a motivação dos alunos, foi importante conhecer teorias a respeito através de Bzuneck e Boruchovitch para entender porque não era esse o cerne da pesquisa.

Com a expansão dos sistemas nacionais de ensino no século XIX, segundo Patto (1993), os educadores enfrentavam a necessidade de explicar as diferenças entre os rendimentos dos escolares e de justificar o acesso desigual destes aos graus escolares mais avançados, sem prejudicar a ideia liberal de que o único critério para a seleção educacional e social seria o mérito pessoal.

A psicologia da época (década de 30) reforçava a crença de que os mais ricos eram os mais dotados e por isso ocupavam as melhores posições sociais. A medicina encarregou-se de explicar a organicidade das aptidões humanas de maneira racista e elitista; enquanto que a pedagogia e a psicologia ganham caráter liberal e prestam mais atenção às influências ambientais. A psicologia educacional se constitui neste ínterim, procurando explicar as dificuldades de aprendizagem em meio à contradição e buscando avaliar as aptidões dos indivíduos através de instrumentos de medição da inteligência, os testes de Q.I. tiveram grande aceitação para explicar e justificar diferenças de rendimento escolar, no entanto, esse tipo de teste desconsiderava as interferências do ambiente.

As concepções de Durkheim influenciam o pensamento, ainda que ingênuo, de pessoas que acreditam que a igualdade e a justiça deverão prevalecer, ou seja, o critério de ascensão social deveria ser para aquele que apresentasse maior aptidão, ao invés de maior riqueza.

A escola tem sua criação justificada na necessidade de formação da mão de obra qualificada para atender às demandas da produção de bens e capital, portanto, quando hoje reproduzimos o discurso de que estamos formando e que devemos formar cidadãos capazes de sobreviver com dignidade no mundo do trabalho, sendo capazes de se sustentar e à sua família e de se auto gerenciar, estamos inconscientemente defendendo um pensamento que se sustenta na mesma lógica. Apesar de ser saudável a condição de viver com conforto e bem-estar, podemos facilmente nos deixar dominar por uma necessidade ilusória e dispensável.

Por haver sido a medicina a precursora dos estudos das dificuldades de aprendizagem, casos de “anormalidade”, ou seja, de desvio dos padrões estabelecidos, foram tratados como

doenças mentais. Quando o ambiente passou a ser considerado como fator que interferia no desenvolvimento da personalidade, a “anormalidade” começou a ser chamada de “problema” e a criança “anormal” de criança “problema”.

Para os escolanovistas, as dificuldades de aprendizagem se deviam principalmente à estrutura e funcionamento da escola e qualidade do ensino, contrariamente ao que a psicologia da mesma época defendia, ou seja, um ajuste e normalidade conforme padrões definidos a partir de visão limitada do indivíduo como ser que não sofre interferência do meio.

Warner, da Universidade de Chicago, publicou, em 1944, o livro *Who shall be educated?* procurando restabelecer a credibilidade na justiça e na democracia norte-americanas, explicando as expressões “igualdade de oportunidades” e “classes sociais”. Para ele, a escola deveria atender às diversidades, uma vez que são inevitáveis, pois todos somos diferentes, através de diagnóstico de capacidades que garantiria que os mais bem dotados ocupassem os cargos mais altos ao invés dos mais ricos. A escola seria lugar de formar cidadãos conformados, em contraposição ao pensamento escolanovista de formar sujeitos democráticos e confiantes. O modo de produção exigia controle social, as pessoas devem ser levadas a acreditar que posições sociais de destaque são para os poucos que possuem qualidades para isso.

O mundo acadêmico e educacional responde às reivindicações das minorias norte-americanas por igualdade com a “teoria da carência cultural”. Os hábitos e os valores dos pobres são cientificamente tidos como inadequados ao desenvolvimento psicológico sadio e propício ao bom desempenho escolar. Desta forma se justificam as dificuldades dos provenientes das classes sociais mais pobres, e reforça a ideia de que os ricos ocupam posições melhores por virem de um ambiente salutar, portanto merecedores de destaque positivo. Um exemplo dos estudos que validavam esta concepção preconceituosa foi o experimento de Esther Milner em 1951, psicóloga americana, ao procurar compreender a relação entre a facilidade para a leitura na primeira série e a qualidade da interação entre os pais e os filhos. Segundo a pesquisadora, a criança de classe pobre tem ressentimento por não possuir as mesmas vantagens das de classe média, quais sejam, ambiente familiar afetuoso que seria fator motivacional para a aprendizagem e incentivo à conversação durante as refeições.

Certa vez, ao perguntar a uma pedagoga qual motivo poderia justificar a dificuldade de leitura de um garoto de 10 anos, ela me respondeu: “muitas vezes não teve estímulo em casa desde pequeno. Quando a criança vê os pais com livros nas mãos ela se interessa mais por aprender”. Ora, remeti-me a essa lembrança pois me parece que essa crença está enraizada nos educadores de hoje, mais de meio século depois, aqui no Brasil, tem-se a impressão de que nossos educadores estão sendo *doutrinados* na mesma ideologia norte-americana, o fracasso atual das crianças na escola recebe a mesma justificativa e, assim, parece que podemos nos conformar, como os norte-americanos, que o bom desempenho não está para todos, mas sim para os poucos merecedores pois já trazem de casa um hábito de ser educado.

Outro termo que ouço bastante quando se trata de adolescente com dificuldade ou comportamento indesejável é que ele “vem de família desestruturada”, parece regra que o adolescente que enfrenta situações desconfortáveis em família deve apresentar baixo rendimento e ser problemático na escola. Todos enfrentamos problemas, a nossa atitude frente a eles é que faz toda diferença, ao encararmos como um desafio e uma oportunidade de aprender, seremos capazes de avançar.

5.2 Motivação

Os jovens não motivados ou desmotivados frustram-se ao passar o tempo desenvolvendo atividades na sala de aula que não lhes interessa. A motivação é um processo psicológico, pois as características da personalidade que envolvem os motivos, razões, expectativas, perspectiva de futuro, interagem com a percepção das características ambientais, desta forma,

a motivação dos alunos pode ser modificada através de mudanças nos mesmos (por exemplo, diminuição de sua ansiedade nos testes; aumentando sua percepção de sua autoeficácia acadêmica), mas também através da mudança do seu ambiente de aprendizagem na cultura escolar (por exemplo, o currículo, as expectativas dos pais, o ambiente da sala de aula, no qual os professores são um fator importante). (LENS, 2008, p 17)

A Teoria da Meta de Realização é utilizada para o estudo da compreensão dos motivos do envolvimento dos alunos no ambiente acadêmico, bem como dos “objetivos e enfoques pedagógicos dos professores para a Educação”. (LENS, 2008, p. 18) São quatro os tipos de metas da realização dentro desta teoria (ELLIOT e MCGREGOR, 2002, *apud* LENS, 2008): aproximação de domínio (*mastery-approach*), quando os alunos procuram demonstrar conhecimento ou habilidade; evitação de domínio (*mastery-avoidance*), quando evitam o que não entenderam; aproximação de desempenho (*performance-approach*), quando se compara com outros tentando parecer melhor; e evitação de desempenho (*performance-avoidance*), quando tenta, ao ser comparado com outros, não parecer inferior.

A cultura escolar enfatiza metas que colaboram com a escolha das próprias metas pelos alunos e professores, podendo ser associadas às suas motivações, aprendizagem e realizações. (MAEHR, MIGLEY *et al.*, 1996, *apud* LENS, 2008) Por esta razão, deve-se investigar com profundidade os motivos que levam um grupo de alunos à indisciplina e fracasso generalizado, analisando sobre os impactos das ações praticadas. A escola precisa buscar, com seriedade e determinação, alternativas para a resolução de tais problemas.

...muitas escolas deveriam mudar, de uma cultura predominantemente competitiva e de desempenho orientado, para uma cultura que fomentasse a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, o domínio e o interesse intrínseco em compreender e domínio de tarefas de aprendizagem desafiadoras. Os professores são os agentes mais importantes para fazer essa mudança acontecer. (LENS, 2008, p. 19)

A teoria da autodeterminação (SDT – *Self-Determination Theory*) se preocupa com as razões para o esforço para atingir um objetivo. As metas motivacionais podem ser intrínsecas, tendo como incentivadores o meio social, saúde, desenvolvimento pessoal, aprendizagem e filiação, ou podem ser extrínsecas, orientadas por sinais externos, assim como as metas de desempenho. O ambiente de aprendizagem criado pelo professor deveria ressaltar motivação de alta qualidade, direcionando as atividades para metas intrínsecas imediatas. (LENS, 2008, p.19-20)

Também para ECHELHI (2008), a indisciplina está relacionada à falta de motivação dos alunos pelos conteúdos, afirma que, segundo BROPHY (2003) são duas as formas que

caracterizam a motivação do aluno para aprender, quais sejam: traço geral ou motivação intrínseca e estado situacional ou motivação extrínseca. Enquanto que no traço geral as ações são auto determinadas, autônomas, de vontade própria, com o objetivo de atingir objetivos pessoais e a aprendizagem traz satisfação, no interesse situacional, é um estado emocional provocado por estímulos situacionais específicos, os alunos se engajam nas atividades escolares com a intenção de atingir os objetivos propostos, “através da utilização de recompensas ou pressões para aumentar a ocorrência desses comportamentos” (ECCHELI, 2008, p. 202).

Em um sentido funcional, motivo pode ser definido como sendo “uma condição interna, relativamente duradoura, que leva o indivíduo ou que o predispõe a persistir num comportamento orientado para um objetivo, possibilitando a satisfação do que era visado” (Campos, 1987, p. 109, *apud* Eccheli, 2008, p. 200). A motivação, segundo Nérici (1993) é o “processo que se desenvolve no interior do indivíduo e o impulsiona a agir, mental ou fisicamente, em função de algo. O indivíduo motivado encontra-se disposto a despende esforços para alcançar seus objetivos” (Nérici, 1993, p. 75, *apud* Eccheli, 2008, p. 200) e o mesmo autor “diferencia motivação de incentivo, definindo incentivo como: o estímulo exterior que visa despertar no indivíduo vontade ou interesse para algo” (ECCHELI, 2008, p. 200).

Bzuneck (2009) afirma que existe um consenso entre os autores com respeito à dinâmica dos fatores psicológicos ou do processo que é a motivação, levando o sujeito a fazer uma escolha, instigando a iniciar um comportamento e ainda persistir no alcance dos seus objetivos, vencendo os obstáculos (STIPEK, 1996; PINTRICH & SCHUNK, 1996 *apud* BZUNECK, 2009).

O tema motivação passou de uma abordagem mecanicista que enfatizava os *drives*, ou seja, necessidades fisiológicas como sendo ponto de partida para a teoria da motivação (Maslow, 1987) para conotações em função de metas pessoais que cognitivamente expressam a razão das escolhas e do esforço (GRAHAM & WEINER, 1996; WEINER, 1992 *apud* BZUNECK, 2009).

O tema motivação percorre diversas áreas, no presente estudo interessam apenas os enfoques que se relacionam apenas com o ambiente de aprendizagem escolar. Quando um aluno está ou é motivado, ele se envolve nas tarefas, demonstra interesse, despende esforço, procura concentrar-se no objetivo da atividade proposta, do contrário, movimenta sua atenção para algo que talvez sequer seja o que ele realmente desejaria estar fazendo, mas o desencanto pelo conteúdo ou pelo grau de desafio da tarefa proposta pelo professor é tanto que ele gasta seu tempo no celular enviando mensagens eletrônicas, conversando com colegas, desenhando, cochilando...

Tais atitudes dos alunos perante o professor que espera atenção e respeito, geralmente são entendidas por ele como desacato, enfrentamento, quando pode apenas significar, em especial nos adolescentes, uma maneira até inconsciente de sinalizar que alguma coisa não está bem. Se o professor tiver uma atitude positiva e de amor, com sincera preocupação com a aprendizagem desses alunos, poderá ter uma excelente oportunidade para refletir e rever sua prática. Para Mattos (1978, p. 402) *apud* Eccheli (2008, p. 211), a autoridade do professor é conquistada “pela sua capacidade, sua dedicação, sua ascendência e sua liderança, demonstradas no seu trato diário com os alunos”, e esta é uma tarefa complexa, pois o professor deve “ser capaz de perceber as dificuldades e necessidades dos alunos, além de constantemente refletir sobre a sua prática pedagógica e planejar atividades desafiadoras e motivadoras” (ECCHELI, 2008, p. 211)

A disposição, não só dos professores, mas também de todos os outros profissionais da educação, de colaborar para estimular de maneira positiva o interesse pela aprendizagem é essencial. O que ocorre comumente é que esses atores envolvidos, geralmente adultos, procuram meios de incentivar através da punição, de ameaça, utilizando-se do reforçamento de Skinner, que é negativo quando o esforço é realizado com a intenção de evitar algo indesejável, como a exposição ao ridículo ou ser humilhado. Nesta perspectiva behaviorista há grandes chances de que o aluno que realiza as atividades somente com a intenção de se defender de uma punição, quando estiver fora da escola não terá o hábito de estudar, ou seja, tal condicionamento não desenvolve a motivação intrínseca (BROPHY e ROHRKEMPER, 1981, *apud* ECCHELI, 2008).

A crítica de alguns autores, Bandura; Schunk, 1981; Lepper; Hodell, 1989, afirma Eccheli, 2008, tem a ver com utilizar “recompensas materiais sem nenhum vínculo com a valorização dos resultados obtidos através da realização da atividade (nova habilidade ou conhecimento)”.

Pesquisa e aprofundamento sobre as questões relacionadas à avaliação se fazem muito necessários, pois para que haja uma mudança de atitude que colabore com a motivação é preciso inovar, e os procedimentos de avaliação são, em sua maioria, impedimentos à inovação pedagógica, Perrenoud distingue sete mecanismos que complementam essa ideia: a maneira como se avalia acaba dispendendo muita energia dos professores e dos alunos, sobrando pouca para *innovar*; classicamente o sistema favorece uma supervalorização da nota, se não for para nota, não há movimento para fazer ou aprender; o sistema de avaliação promove uma relação “mais ou menos explícita” de chantagem, de força impedindo a cooperação entre professores e alunos; ter que fazer “apreciações qualitativas” com regularidade coopera com uma “*transposição didática conservadora*”; a ênfase é dada para atividades “*fechadas, estruturadas, desgastadas*”, que recordam a avaliação clássica; os professores são “forçados” a “preferir os conhecimentos isoláveis e cifráveis às competências de alto nível”, pois exigem raciocínio e tarefas em equipe; a avaliação tradicional ainda guarda uma “arbitrariedade”: como entender a avaliação se não se sabe explicar ou justificar o que se avalia?

Perrenoud nos desperta o interesse para a compreensão mais profunda da avaliação, que não se confunde com a prova, sendo esta um instrumento que pode ser utilizado ou não. A avaliação compreende uma forma de conceber a aprendizagem, uma ampla visão dos processos cognitivos e afetivos que estão em atividade durante a construção do conhecimento.

A atenção dos professores às necessidades, perspectivas e metas que orientam os alunos auxilia na escolha de mecanismos que promovam uma aprendizagem que envolva “a dedicação, o esforço, a persistência, o desafio e que vise a autonomia do sujeito.” (ZENORINI, 2007, p. 114)

O aluno tem seu papel e responsabilidade no seu processo de aprendizagem, no entanto, há elementos desse contexto que influenciam sobremaneira, Bzuneck afirma que o professor tem duas funções a serem cumpridas: recuperar alunos desmotivados e implementar e manter potencializada a motivação para aprender em todos os alunos de cada série. Ora, parece colocar no professor um enorme fardo, a postura dos professores costuma ser a de que do aluno deve ser motivado e pronto, há casos em que os adolescentes trazem uma história de socialização que os levou a uma condição que desfavorece a aprendizagem.

Há uma convergência de resultados de pesquisas que atestam que tanto a motivação positiva e desejável como a sua ausência ou distorção têm a ver com determinadas condições ambientais. Mais especificamente,

resultam de complexas interações entre características do aluno e fatores de contexto, sobretudo em sala de aula. (AMES, 1992; BROPHY, 1983; PARIS & TURNER, 1994)

Quando o sujeito já traz uma história desfavorável ao seu envolvimento positivo com a aprendizagem, nós educadores temos “em mãos uma tarefa árdua e muito custosa, que exige conhecimentos, habilidades e muito senso de compromisso com a educação.” (BZUNECK, 2009, p.25)

É muito importante nos esforçarmos para melhorar a qualidade do ensino profissional, reforço esta ideia com Oliveira (2012), ele afirma que com as

mudanças no processo de produção de mercadorias, de aumento de desemprego, de precarização das relações de trabalho e do forte impulso alcançado pelo discurso da empregabilidade, a educação profissional assumiu uma importância jamais vista na história da educação brasileira. (OLIVEIRA, 2012, p.84)

Na década de 60 resultados de pesquisas comprovam a “correlação positiva entre nível de escolaridade e classe social” (Patto, 1993), desponta a *teoria da carência cultural* nos Estados Unidos que aduz a ideia de que o sujeito advindo de uma classe econômica baixa, com pouco acesso a eventos culturais, viagens, bons livros, pais que dão exemplo, estão fadados a fracassar na escola e na vida. O jornalista Gilberto Dimenstein, da Folha de São Paulo, levanta essa hipótese quando menciona que os alunos da Escola da Comunidade, advindos da favela do Morumbi em São Paulo, não conseguem os mesmos resultados nos exames nacionais que os do Colégio Visconde de Porto Seguro, apesar de estudarem no mesmo espaço, com a mesma estrutura e os mesmos professores. Em bate-papo com o jornalista, alunos do colégio e da escola descobriram muitas coisas em comum, possuem as mesmas dúvidas e os mesmos sonhos.

Nosso primeiro grande desafio é acreditar que é possível a realização dos desejos desses alunos, o segundo é ter coragem para buscar meios para que isso aconteça, certamente não será trabalhando como estamos atualmente, há três anos temos visto as turmas de Ensino Médio Integrado terminar o ano letivo com menos da metade dos alunos, diversos alunos reprovados e, pior, bons estudantes que perdem o brilho e a vontade, se tornam apáticos e não estudam, não se importam nem em participar das avaliações. A solução deve ser encontrada em conjunto, no entanto, ainda não temos essa cultura no IFAC, de trabalharmos em equipe, de construir juntos, desta forma, dificulta a unidade do trabalho.

CAPÍTULO 6: PERCEPÇÃO DOS ALUNOS E PROFESSORES ACERCA DO CURSO

Pretendia-se realizar a pesquisa com os 95 (noventa e cinco) alunos das três turmas existentes no início do ano de 2013 e 19 professores, no entanto, conseguimos apenas 44 (quarenta e quatro) respostas dos alunos, tivemos grande evasão, principalmente na primeira série; e responderam ao questionário 13 professores das turmas de Educação Profissional Técnica de Ensino Médio Integrado em Informática do IFAC.

Foi criado um questionário aberto com perguntas visando investigar os motivos dos alunos para a escolha do curso, suas expectativas e avaliação do curso, bem como o que eles pretendem fazer depois de formados. Aos professores o questionário permitiu identificar o que eles esperavam de seus alunos, sua percepção do comprometimento deles, sua avaliação do curso e solicitou sugestões para amenizar a reprovação e a evasão, e ainda a visão deles sobre os alunos após a conclusão.

Após a conclusão da elaboração do questionário e dos termos de livre consentimento, os pais foram convidados a participar de reunião para apresentação da proposta da pesquisa e solicitados a assinar os termos. Os alunos, reunidos em sala, foram convidados a responder ao questionário, recolhidos os formulários, as respostas foram transcritas e analisadas.

6.1 Respostas dos alunos

Em razão da baixa frequência dos alunos e a rápida evasão, tivemos poucas respostas ao questionário, 15 alunos do primeiro ano, 16 do segundo e 13 do terceiro ano, totalizando 44 respostas, pouco mais de 50% do esperado. Apesar disso, é possível identificar pontos bastante relevantes para o entendimento do problema.

A turma do primeiro ano iniciou com 52 alunos, os professores e a coordenação do curso concordaram que seria melhor dividi-la em duas turmas. A turma, mesmo numerosa, era relativamente tranquila com relação à atenção dos alunos durante as aulas. Percebeu-se que logo os novos alunos começaram a reproduzir a postura dos veteranos, ficavam fora da sala de aula, atrasavam para entrar. Como não havia servidor responsável por tomar conta deles nos corredores e não havia cantina dentro da instituição, os professores tentavam manter certa ordem, no entanto, não tinham sempre a mesma atitude, alguns proibiam a entrada na sala após determinado horário, outros não. Mesmo quando em reunião entrávamos em acordo coletivo sobre qual atitude tomar, na prática, variava muito.

Dos dezesseis alunos do primeiro ano que responderam ao questionário, apenas três disseram ter entrado no IFAC por incentivo de terceiros:

Não fui eu foi minha mãe que me inscreveu nesse curso.
Minha mãe me inscreveu e como eu gosto de informática eu vim estudar no IFAC.

Este último, mesmo sendo a mãe que o inscreveu, tem interesse na área do curso, bem como o que afirma:

Por causa do curso de informática e também minha mãe me incentivou.

Quatro alunos respondem que escolheram o curso por ser na área de interesse, manifestam influência da família e vontade de aprender:

Foi uma área que eu gosto a informática.
Para me especializar nesta área, pois sempre gostei de informática, desde pequeno e adotei a informática como *hobby*.
Bem, eu sempre gostei de componentes eletrônicos. O meu pai também trabalha com eletrônicos e desde pequeno acompanhei o desenvolvimento da tecnologia por isso escolhi me especializar na área.
Eu gosto muito de informática, curso vai ensinar-me muito mais do que sei.

A motivação predominante para a entrada no IFAC parece ter sido o fato de ser o primeiro instituto federal no estado, a estrutura física grande, as campanhas dos reitores que sempre engrandeceram a instituição falando da capacidade financeira e dos planos de melhoria da estrutura pelo governo federal.

As seguintes respostas revelam que os estudantes esperavam uma excelente instituição, capaz de prepará-los para o trabalho e o emprego:

Muito interesse em informática e a qualidade de ensino e infraestrutura do IFAC.
A promessa de um ensino superior ao das outras escolas e também para mais oportunidade de emprego.
Fiz a escolha, pois a instituição é de ótima qualidade e dará muita oportunidade.
A vontade e a chance de ter mais oportunidade.
Primeiro porque é uma Instituição Federal de ensino. Em segundo por que eu me interessei pela área de informática.
O que me motivou mais foi o fato de que o IFAC é federal. O ensino muito bom.
Pelo fato de ter o ensino médio e um curso técnico. O ensino é muito bom e os professores qualificados.
Na verdade o que me motivou a fazer o curso é que além de terminar o ensino médio também vou sair com profissão em técnico em informática.

O IFAC oferece curso integrado apenas no eixo informação e comunicação, e apenas o técnico em informática, no entanto, não temos certeza de que o mercado no Acre será capaz de absorver estes futuros profissionais, não temos certeza sequer quantos concluirão o curso e se serão bons profissionais. Tanto os alunos quanto os professores manifestam dúvidas a esse respeito, uma vez que não há um estudo sistematizado de mercado.

Ao falar das suas expectativas, manifestam que esperavam um ensino médio que os preparassem tanto para o ensino superior quanto para o trabalho:

Um ensino de qualidade, novas experiências e quando concluir mais oportunidades no mercado de trabalho.
De cursar um ótimo ensino médio, para estar mais preparado para o Enem.
O que eu estou fazendo hoje e algumas aulas que eu ia ter já dizendo o nome do curso.
A minha expectativa é de ter uma oportunidade que possa ter um trabalho profissional que exerce a função de um profissional

capacitado que gosta do trabalho que faz e entrar para faculdade para garantir o meu emprego.

De me especializar na área e utilizar meus conhecimentos para trabalhar prestando serviços a terceiros, além de poder ter sempre informação nova, porque a tecnologia sempre se atualiza.

Há sinais de forte motivação e autonomia para aprender ao dizer:

Eu já sabia usar o PC muito bem, já tinha estudado um pouco e queria saber mais.

Aprender informática e aprimorar o meu conhecimento, concluir o ensino médio e entrar numa faculdade.

Terminar o ensino médio e me especializar na área de informática.

O fato de o IFAC ser federal me motivou bastante. O curso técnico. Posso sair daqui com o diploma a nível federal.

Quatro respostas aludem ao interesse por outra área de estudo:

Minha expectativa é terminar o curso e depois que me formar quero procurar estudar mais, fazer uma faculdade que ainda não sei.

Era de terminar o ensino médio, concorrer no ENEM, tirar uma nota para no mínimo entrar para o curso de sistema de informação, mas se possível de direito.

Terminar o ensino médio e fazer Faculdade e me formar em Educação Física que é meu sonho.

Terminar o ensino médio e fazer uma faculdade de direito.

Três alunos manifestam nítido descontentamento com o Instituto ainda ao falar das expectativas:

Minha expectativa era boa que era organizado muito disputado, mas é muito diferente do que eu pensava. Muitos alunos sem interesse sem cantina em um curso integral, onde tem aula de manhã e de tarde. Até mesmo porta quebrada, ar condicionado derramando água, alagando a sala de aula.

Que seria o melhor instituto, que teria lanchonete, xerox, que não seríamos tão pressionados por tantas matérias e que sempre teria professores em todas as matérias.

De ser uma das melhores Instituições de ensino, que haveria lanchonete, xerox, onde não seria encarregado de muitos materiais.

Quando avaliam o curso, uma resposta é positiva e outra confusa, entretanto, está clara a intenção de aprender e se tornar excelente profissional:

É um curso de alta qualidade, com ótimos professores capacitados.

É curso que avalio como a forma de socializar na área de um profissional que se capacita para se preparar para a função de ter um trabalho para poder exercer a minha função de um ótimo trabalhador competente para área profissional.

As restantes, todas, representando 87,5% dos alunos questionados, revelam alguma insatisfação ou expressam a sensação de necessidade de grande esforço para conseguir acompanhar as disciplinas:

O curso é bacana, tem problemas mas até que é legal.

É um excelente curso que se você quiser passar tem que se esforçar o máximo que puder, por que esse curso é o mais procurado no mercado de trabalho.

É um bom curso, tem bons professores, só tem que melhorar um pouco mais.

Acho que é muito bom só que muito puxado.

O curso é excelente, os professores muitos competentes. O ensino muito bom mais o fato de ter muitas matérias atrapalha bastante a aprendizagem, fica muito difícil aprender.

É perceptível em sala de aula a dificuldade de praticamente todos os alunos de acompanhar as várias disciplinas, quando ouço alguns professores reclamando dos alunos, dizendo que “não querem nada com nada”, que “não fazem nada que a gente pede”, penso que pode ser porque não sabem, não conseguem responder porque trazem lacunas do ensino fundamental que não foram diagnosticadas com o objetivo de buscar maneiras de superá-las.

Com as respostas aos questionários foi possível confirmar a hipótese de que não é falta de interesse ou de motivação para estudar, mas levanta outra hipótese, bem provável que há falta de saber como estudar, nossos alunos não possuem hábito de leitura, não conhecem estratégias de estudo, sabemos que muitos passam dias sozinhos em casa, não sabemos se possuem um espaço adequado em sua própria casa para estudar. Os adolescentes se distraem com jogos, *internet*, *facebook*, alguns gostam de dormir bastante durante o dia e passar boa parte da noite acordados com essa ocupação.

A escola não oferece atividades esportivas ou culturais para que se envolvam, a atitude que vemos e identificamos como desleixo pode ser uma forma de dizer: “estou entediado”, “isso não está interessante”, “não era o que eu esperava”. O instituto é muito diversificado com relação aos docentes, são profissionais de diversas áreas, vindos de vários Estados e com experiências bem diferentes. Ainda não conseguimos o aproveitamento dessa diversidade para a construção de uma identidade e um curso do IFAC que atenda às necessidades locais, ou até mesmo que atenda às expectativas dos adolescentes e dos próprios professores que trabalham com eles.

Da forma como está cada um faz à sua maneira, pois quando as diretrizes são impostas ao invés de construídas não se estabelece a compreensão a ponto de haver o compromisso de segui-las, e essa desintegração é percebida e sentida pelos nossos alunos. Podemos pensar que são apenas adolescentes imaturos, mas são observadores e capazes de perceber as forças e as fraquezas da instituição. São os sujeitos que estão recebendo essa diversidade da forma mais direta possível, são em torno de dezenove disciplinas entre as propedêuticas e as técnicas, o que faz com que estejam em contato com praticamente dezenove universos que não interagem.

A falta de infraestrutura é bastante criticada, e o aspecto desorganização é observado pelos adolescentes:

É um curso muito bom, porém sem apoio, com poucos recursos. O material para a manutenção de computadores foi o próprio professor quem comprou, com poucas ferramentas fazendo demorar a aula e acabar aprendendo menos.

Bom mas meio desorganizado, pois tem professores que faltam muitas aulas e até bimestres inteiros, e tem aulas de manhã e à tarde, coisa que não deveria ter porque muitos moram longe e tem que ficar direto no IFAC.

Um curso com ótimos professores, ensino de qualidade, só que a instituição é muito desorganizada, ainda tem que melhorar muito. Os professores são maravilhosos, o ensino também mais precisa de mudanças no IFAC.

É muito satisfatório, pois os professores são bastante qualificados sendo assim a qualidade do ensino é boa. Mas infelizmente o Instituto federal de educação e ciência e tecnologia do Acre não oferece estrutura para oferecer um curso Integrado ou Ensino Médio.

Muito bom, com todas as matérias bem atualizadas, apesar de ser um pouco difícil.

Um ótimo curso, apesar de ser muito carregado de matérias, mas avalio o curso como um ótimo ensino e com os melhores professores.

Mais ou menos porque ainda tem muitas dificuldades. Pois não tem comida saudável, não tem uma xerox, não pode pegar um livro na biblioteca etc.

Muito bom, mais só tem um problema a lanchonete. E sem isso a gente tem que comer fora do IFAC.

Muito bom mais poderia ter algumas melhorias, como mais interatividade, muitas aulas teóricas e pouca praticas na forma de manutenção de computadores.

A dificuldade para aprender parece ser uma das razões do alto índice de reprovação, na última reunião de colegiado das turmas de ensino médio integrado, na listagem do Registro Escolar que reunia as notas de todos os professores, apenas um aluno havia passado de ano sem dependências, os demais haviam sido reprovados, evadiram ou estavam com dependências.

As respostas revelam sonhos, desejos futuros de se tornarem bons profissionais, de elevarem a escolaridade em um curso Superior, seja em informática, seja em outra área. Oportunamente, incita a pergunta: esses jovens conseguem traçar suas metas para alcançar seus objetivos? Será que conseguem perceber se estão tendo atitudes que os levam às metas?

Quanto às pretensões após a conclusão do curso, tivemos:

Fazer uma faculdade e depois trabalhar no ramo AUDIVISUAL.

Não tenho certeza mas acho que vou ser veterinário, montar uma clínica com equipamentos elétricos como computador aquele aparelho que rastreia o chip do animal e raios-X etc.

Pretendo fazer manutenção de computadores para ganhar dinheiro e fazer um curso que ainda não escolhi e fazer o ENEM também.

Pretendo trabalhar por enquanto em minha casa mesmo, na área que aprendi no curso de informática do IFAC e pretendo também continuar estudando para aprimorar-me nessa área de informática ou em outros.

Fazer o ENEM, tirar uma boa nota e entrar para faculdade de direito ou de sistema de informação e ser um bom profissional em qualquer área que eu atuar.

Pretendo cursar direito, de preferência em uma Faculdade Federal e trabalhar na área.

Pretendo fazer uma faculdade para poder ser uma pessoa que possa ingressar nesta área por que é uma função que considero um trabalho competente para meu futuro na vida profissional e uma carreira de um bom trabalhador.

Fazer uma faculdade e me formar em educação física e nos tempos vagos trabalhar como técnico de informática.

Pretendo desenvolver com o auxílio dos meus conhecimentos adquiridos no curso técnico em informática do IFAC softwares dos mais variados tipos como por exemplo aplicativos para o sistema

operacional *Android*, além de criar o meu próprio Sistema Operacional.

Fazer uma faculdade, me especializar mais um pouco na área de informática, conseguir estágios ou até um emprego fixo.

Fazer uma faculdade, e seguir como programador de computador. Mas a profissão que desejo seguir é de direito ou medicina.

Fazer uma faculdade e ganhar um dinheiro com a formatação de computadores.

Fazer outro curso, fazer uma faculdade e muita coisa.

Fazer engenharia civil e trabalhar nessa área.

Quando eu concluir o curso de informática eu tenho planos de construir minha empresa e meu próprio negócio ou simplesmente trabalhar no IFAC.

Eu pretendo procurar um bom trabalho, estudar mais, fazer uma faculdade na área que eu gosto bastante que é área de informática.

A turma do segundo ano foi um primeiro ano bastante atribulado, começou com 50 (cinquenta) estudantes, enfrentamos problemas sérios com uso de drogas, demonstração de desinteresse, dificuldades graves de leitura e escrita e idade avançada para a modalidade de ensino. Para o ano de 2013 passaram 26 (vinte e seis) alunos, encerrando o ano com 3 evadidos e 3 reprovados. Estes vinte alunos que irão para o terceiro ano são assíduos e interessados. Há apenas um caso de indicação do INSS:

Vim por indicação do INSS. Reabilitação Profissional.

Três respostas revelam pessoas levadas a estudar na instituição por outrem:

Incentivo da mãe, me colocar sem consultar para ver se eu queria ou não, assim me obrigando a estudar aqui.

Resposta que demonstra insatisfação. Tivemos um caso que a mãe insistiu durante três anos, mas a filha a desgastou, não entrava na sala de aula, reprovou duas vezes e acabou indo para outra escola, retornando no ano seguinte com a mesma postura descompromissada.

Mais duas respostas afirmam encaminhamento pelos pais:

Vontade de meus pais.

Na verdade nada me motivou, pois eu nem conhecia o IFAC, minha mãe que me inscreveu e fui sorteada, daí então fui saber que existia esta escola, porém antes disso nada me motivou, mas agora estou bem focada com os propósitos do IFAC.

Houve entusiasmo ao escolher o IFAC para estudar, por ser federal e integrado, sinônimo de excelente qualidade e oportunidade em sete respostas:

O que me motivou foi o próprio curso, pois acho muito interessante, também quem me motivou muito foi um professor do próprio IFAC.

Pois além de ter o ensino médio tem o técnico em informática e também por ser colégio federal.

Um curso na área de informática e o nome FEDERAL que vai para o currículo.

Eu gosto de informática e também buscar um ensino de qualidade.

Por oferecer uma boa estrutura de ensino aos alunos.

A estrutura de ensino e os benefícios que o estudo podia me proporcionar futuramente no mercado de trabalho.
Pela oportunidade de sair com o ensino médio e técnico, respectivamente. Por ser um instituto federal e com foco na ciência e tecnologia.
Por ser uma escola federal de ensino avançado e por ser um curso bom no mercado de trabalho.

Há indícios de forte motivação:

A opção de fazer ensino médio e informática juntos em apenas 4 anos.
Primeiro que eu sempre fui interessado a fazer curso de informática, principalmente esse curso do IFAC que é técnico de informática.
Motivou-me por causa do meu gosto com tecnologia, informática.

Uma resposta é de difícil compreensão por não ser possível compreender o que o aluno realmente teve a intenção de dizer com

O momento foi unir o útil com o agradável.

Com relação às expectativas, um aluno demonstra que preferia não estudar no IFAC:

Eu pretendia fazer o ensino médio em uma escola normal terminar em três anos e entrar na faculdade.

Enquanto que este próximo parece indicar que está confortável quando diz:

Minha expectativa sempre foi fazer curso de informática.

Cinco demonstram descontentamento com a organização da matriz curricular e dos horários, pois afirmam

Achei que seria um bom curso em período integral.
Que fosse integrado.
Que fosse realmente integrado.
A minha expectativa era de que o curso seria mais centrado a informática do que é.
A minha expectativa era que fosse mais rigoroso, difícil e até mais competitivo. Que houvesse muito foco tanto no técnico quanto no ensino.

Uma resposta é confusa e três enfatizam a vantagem de ser um curso integrado:

Em relação a trabalho não tinha nenhuma experiência.
Que após concluir o curso terei no plano que terminei o ensino médio em uma instituição federal e com um ótimo curso profissionalmente no currículo.
Que seria o melhor curso da instituição por conta de ser praticamente dois ao mesmo tempo.

Era muito boa. Um curso técnico junto com médio é muito difícil de oferecerem uma ideia boa. Assim não problema todos com médio e com técnico.

Além desta última, mais quatro alunos utilizam a palavra “bom” ou “boa”, somando sete dos dezesseis:

Ter uma boa formação e um bom desempenho.

Ter uma boa formação.

A expectativa que eu tinha era de que o curso seria muito bom e que seria bem conhecido.

A minha expectativa era ter um bom ensino de qualidade que é oferecido gratuitamente.

O fato de ser um instituto federal é valorizado novamente:

Minha expectativa era muito grande, pois eu iria entrar numa instituição federal.

Quando avaliam o curso, encontramos: “Bom” e “Ótimo”. As demais respostas

Um curso no mínimo interessante, porém em apenas um turno.

O curso é legal, bom digamos que algo tirares assim que sois, porque desejo fazer um bom.

Ótimo falta algumas coisas, mas está no começo ainda vai atingir 100%.

Decepção:

O curso é muito bom no mercado de trabalho, porém eles prometeram muitas coisas e não cumpriram. O curso o ensino é avançado e focado, porém desorganizado.

Os alunos elogiam os professores, porém continuam manifestando insatisfação com a organização administrativa e pedagógica, certamente sentem a falta de orientações e regras claras, a troca constante de diretores e alguns professores que faltam muito em função de seus cargos, causa a incômoda sensação de instabilidade:

É um curso bom excelentes professoras e professores, há alguma falha, como a falta de uma boa administração e a falta de responsabilidade de alguns professores.

O curso em si é bom, pois há muitos professores capacitados. Porém em minha opinião, a falha está na desorganização da grade curricular e as poucas matérias técnicas.

Não alcançaram suas altas expectativas ao entrar para um instituto federal quando dizem:

Avalio como todo ensino médio, até o estadual é mais organizado. Um curso normal.

Avalio ele de nada regular, pois falta algumas coisas na estrutura.

Regular, pois ele tem um bom ensino e as pessoas que estão aqui se esforçam para nos dar o melhor, mas por outro lado tem suas falhas, como todas as instituições.

Eu avalio o curso regular, pois não é tão bom, porém dá para aprender o essencial.

Mediano, diante de todas as falhas que ainda existe.

Acho muito bom, mas poderia melhorar.

O fato de não se sentirem valorizados afeta sua satisfação com o curso e pode afetar seu desempenho:

Péssimo por conta da instituição não dar muito valor para nós, mas até que é bom, os professores são ótimos.

O curso é muito bom mesmo tem professores muito bons que sabem explicar a determinar aplicação do curso uma forma que todos atendam com muita facilidade.

Ao serem indagados sobre seus planos para após a conclusão do curso, dar continuidade no ensino superior está explícito em doze respostas:

Pretendo fazer um curso superior.

Uma faculdade e trabalhar.

Ir pra faculdade e fazer o que eu sempre sonhei.

Pretendo trabalhar um tempo na área, e ingressar em uma faculdade.

Faculdade e trabalhar.

Fazer um curso superior na PUC de Goiânia.

Por outro lado, sete respostas demonstram interesse em outra área:

Pretendo cursar a faculdade de direito. O curso técnico não será importante para mim, será somente uso próprio.

Pretendo fazer psicologia, mas não ignorar o aprendizado de informática que recebi.

Após a conclusão do curso, pretendo passar em uma boa universidade ou em um excelente instituto, para cursar alguma matéria de exatas ou em direito, e possivelmente, uma bolsa no exterior.

Eu não pretendo seguir a carreira de informática mas sim ganhar um dinheiro extra, utilizando o que aprendi aqui. Pretendo fazer uma boa faculdade de medicina.

Pretendo fazer uma faculdade, porém ainda estou avaliando qual irei fazer.

Eu pretendo fazer faculdade de medicina, pois a área da saúde muito me atrai, já que creio que a informática não é meu forte.

Uma das respostas não deixa claro se a continuidade dos estudos será em outro nível, mas continuará a aprender:

Eu pretendo continuar fazendo outros cursos principalmente de informática.

Dois alunos pretendem permanecer no IFAC, um deles pensa em migrar para outra área:

Provavelmente se abrir o superior no meu curso aqui na instituição farei aqui mesmo.

Continuar no instituto federal fazer outro curso ou em outra área ambiental.

A primeira turma de ensino médio integrado do IFAC iniciou como semestral em 2011, tinha 45 alunos matriculados, a evasão e a reprovação foi de mais de 50%, no segundo semestre foram recebidas novas matrículas, esses alunos cursaram módulos referentes ao primeiro semestre no turno vespertino. A turma passou para anual em 2012 com 25 alunos. Em 2013, 17 alunos cursaram regularmente.

Um aluno, filho de militar, está no IFAC

Devido à transferência de um estado a outro. Por ser a única instituição da cidade de Rio Branco.

Sete dos treze alunos (53,8%) que responderam às perguntas foram incentivados por terceiros:

Influência dos pais e amigos.

Influência de familiares e amigos.

O que me motivou não foi nada, apenas o meu cunhado me matriculou e fui motivado por ele, estou hoje aqui graças a ele e estou gostando.

Motivação de amigos, no qual falam muitas coisas a respeito do curso.

O fato de ser integrado atraiu:

Através da minha tia entrei na instituição, não escolhi o curso e sim ela. Pois escolheu por ser um ensino médio integrado a informática.

Eu nunca tinha ouvido falar no IFAC quando minha mãe me motivou para fazer inscrição na oca para o curso técnico em informática achava que era apenas o curso. Mas era o ensino médio integrado, no começo não gostei da ideia de sair do colégio no qual já estava cursando o 1º ano, mas quando entrei fui sorteada e já frequentando gostei muito.

A área do curso foi razão da escolha de quatro (30,7%) pessoas:

Aperfeiçoar o conhecimento de informática e a qualificação.

Eu gosto da informática, sem falar que parecia a realização de um sonho.

Por que eu gosto de informática e me interessei pelo curso.

Por que quero sair formado em um curso bastante promissor no mundo do trabalho, pois muitos precisam de boas pessoas que saiba lidar com as máquinas bastante usadas como celular, computador que são o auge na atualidade.

Estudar em uma instituição federal era importante para um aluno:

Por ser um colégio federal e supostamente ser conhecido como um colégio de ótima qualidade, que me daria muitas oportunidades no futuro.

Todavia, o mesmo aluno manifesta o desejo de ir para um colégio particular, subentende-se de melhor qualidade que o IFAC:

Formar-me no ensino médio normal em um colégio de qualidade, o Meta, e passar no ENEM para uma faculdade do meu interesse.

O aluno que veio devido à transferência do pai para o Acre tinha altas expectativas:

Especializar ao máximo na área de informática. Uma boa expectativa, devido a referência das instituições federais.

Algumas esperanças que aparentemente poderíamos contribuir para tornar real, dá-se a compreender que uma delas embute insatisfação, se “escola pública” para ele significar “escola estadual”:

Era concluir o ensino médio na escola pública.
Ser um profissional.
Formar-me em informática e ser um grande profissional e colocar meus aprendizados em prática.
O curso de informática, o ensino médio e ainda por cima aprenderei informática.
Tornar-me um excelente profissional e concluir o ensino médio e me aperfeiçoar em relação a informática.
Que iria me tornar um grande profissional e concluir o ensino médio.

Cinco alunos (38,5%) demonstram frustração antes mesmo de avaliar o curso, quando perguntados sobre sua expectativa “soam” ansiosos por desabafo:

A minha expectativa era entrar no curso e logo aprender a formatar, consertar placa mãe, fonte, instalar programa e desinstalar fazer software, aprender a fazer hardware mas não era bem o que pensei.
De que aprenderia muitas coisas no curso que é voltado a informática, mas contudo falta muito.
Ser algo bem organizado e uma instituição que se preocupava realmente com os alunos.
Bom, por não conhecer muito sobre informática a minha expectativa era fazer manutenção em computadores, formatar usar Excel, PowerPoint, coisas básicas de software que é uma coisa bem melhor e mais lucrativa.
Ter total conhecimento sobre informática coisa que no momento ainda não estou tendo.

Esta é uma turma tida como de alunos “revoltados”, que bombardeiam cada novo diretor ou novo coordenador que entra na sala para se apresentar, conversar ou dar recados

com perguntas e manifestações de insatisfação, cobram as diversas promessas de melhoria da estrutura, *tablets*, enfim, condições que os ajudassem a atingir seus objetivos ao entrar no IFAC.

Professores desabafam em reuniões: “Ah, o terceiro ano não tem jeito, não querem nada mesmo”, “não sabem nem escrever ou interpretar um texto no terceiro ano do Ensino Médio!”. A dificuldade deles é bastante grande, são muito dispersos nas aulas, raramente fazem os trabalhos solicitados. Ao conversar informalmente com alguns, manifestam grande descontentamento com a instituição, a reação apática parece um protesto, o que na verdade prejudica muito o desenvolvimento deles próprios, acabam sendo “empurrados” para próximo período, nenhum dos que tentaram o ENEM atingiu pontuação suficiente para qualquer faculdade. E como a matriz não permite que sejam transferidos para outra escola, ficam reféns e sentem-se “presos” ao IFAC, única opção agora para concluir o Ensino Médio.

O curso é de excelência os professores são bem qualificados explicam bem. O curso sem eles não seria o curso mas além disso na área de informática na prática não estamos aprendendo nada por falta de equipamentos para trabalhar. O curso está sendo bem proveitoso. Mas ainda existe irregularidade no IFAC como: Quadra de esporte, falta de máquinas para trabalhar no curso. O curso só está tendo aula teórica, ficou muito chato trabalhar só assim, queremos prática e queremos crescer.

A falta da percepção de que está se desenvolvendo com o curso é desestimulante, o curso deverá melhorar, mas não para esses alunos.

Por parte do ensino médio é bom, já os da parte de informática está muito ruim, tem que melhorar muito ainda.
Tenho uma insatisfação devido ao tempo de duração do curso, que é de 4 anos, enquanto outras instituições são apenas 3 anos.
Regular, pela verba recebida, por ser uma instituição federal, poderia ser excelente, disponibilizar mais estrutura e mais ferramenta para os estudos teóricos e práticos, para que todos os educandos saíssem do colégio com experiência no trabalho.

O Ensino Profissional Técnico de Ensino Médio Integrado em uma instituição Federal de Educação Profissional deveria proporcionar essa estrutura e essa experiência.

Por nós sermos a primeira turma dessa modalidade temos pouco apoio e com essa dificuldade não fico satisfeito.
No início estava tudo bem, mas temos vários problemas que tiram o brilho do curso.
O curso é bem interessante mas porém cheio de falhas em relação ao instituto por conta de alguns atrasos da instituição o curso acaba sendo menos proveitoso.

Como se sente esse jovem que não consegue aproveitar quatro anos da vida dele dedicados ao estudo no IFAC?

Não está sendo o que desejava e esperava, pois em relação a informática está sendo muito baixo e não consigo dar uma boa avaliação, esperava melhorias. Mas até agora não passa de um desejo,

um pedido que não está perto de ser realizado e quanto a inglês e aos avisos e geral são coisas boas que dá vontade de aprender.
Acho o curso um pouco enrolado nas áreas da informática, mas o curso na parte do ensino está sendo moderado.
Bem, o curso é bom e um excelente curso para eu fazer, mas como a primeira foi a minha o ensino médio não foi tão bom porque tinha muita dificuldade em relação aos professores e alunos.

Penso que a situação destes alunos do terceiro ano é a mais delicada, sentem-se em desvantagem até mesmo em relação aos alunos de outras turmas do mesmo curso:

O curso é bom não aprendemos muito sobre *hardware*. Como nossa é a primeira turma do ensino médio no IFAC não estudamos algumas coisas que as turmas mais novas estão estudando trazendo insatisfação para alguns alunos. Em relação aos professores a nota é 1000, os professores são de excelência alguns com mestrado e doutorado. A maioria os melhores na real. Professores motivadores.

Os professores são elogiados, mas no geral o curso:

Deixa muito a desejar, as coisas são desorganizadas. Um ponto positivo é a qualificação dos professores, são os melhores que já tive até hoje. Na minha opinião é o que salva o curso.
O ensino médio é de certa forma muito bom, mas o ensino técnico deixa muito a desejar.

As reclamações a respeito da parte técnica da matriz são muitas, não se sentem preparados para atuar na profissão, pretendem:

Trabalhar mas não vai ser nessa área, pois o que estou aprendendo não tem o suficiente do que o mercado precisa, pois precisa de pessoas bem instruídas.

Demonstram baixa autoestima, sentimento de incapacidade, por outro lado, há grande interesse em poder trabalhar e dar continuidade aos estudos em nível superior:

Eu pretendo ingressar mesmo na área de informática e fazer uma faculdade na área de informática.
Uma faculdade para melhorar meus conhecimentos e entrar no mercado de trabalho com ajuda do curso.
Adquirir um ótimo emprego no mercado de trabalho, para ajudar meus estudos durante a faculdade.
Entrar no mercado de trabalho através dessa qualificação.
Pretendo entrar numa faculdade na área da informática ou sistema de informação.
Ser inserido no mercado de trabalho com a ajuda do curso técnico e fazer uma faculdade relacionada a informática.
Quando entrei minha meta era terminar e fazer Engenharia civil, mas continuarei na área de informática fazendo faculdade de Sistema de Informação.

Três alunos pretendem migrar para outra área:

Passar no ENEM em um curso que não tem nenhuma ligação com o meu curso atual de informática.

Entrar em uma faculdade de arquitetura e me aperfeiçoar na área da informática, assim sendo um grande profissional.

Pretendo fazer o ENEM e entrar em uma faculdade, fazer um curso em outra área.

Fazer uma faculdade e passar em um concurso, pretendo fazer direito e passar em um concurso da polícia federal.

Um aluno ameaça:

Mais cursos, ou vou continuar a fazer vídeos no *you tube*.

O problema da evasão e da reprovação no Brasil é bastante discutido e a busca de soluções é uma necessidade premente, no entanto, afigura-se que no IFAC a problemática é um pouco mais grave, pois as respostas dos alunos ao questionário desta pesquisa indicam que além das conhecidas causas das dificuldades enfrentadas para a permanência na escola: estrutura familiar, condição socioeconômica, metodologia do professor, aliás, 0% dos alunos criticaram professores diretamente, ao contrário, a instituição não está sequer oferecendo aos alunos as condições mínimas que esperavam, quem dirá poder auxiliá-los nas questões que interferem na qualidade da aprendizagem.

Parte dos professores acreditam que o aluno é desmotivado, que “não está nem aí”, contudo, ao analisar as suas expectativas, percebemos que há motivação e interesse, mas são jovens sem grande experiência de vida, ainda não ganharam autonomia, muitos não sabem estudar, não possuem clareza de estratégias de aprendizagem, como podem traçar suas metas? Como podem ser bem-sucedidos diante da desorganização e da desintegração que percebem e denunciam? Os adolescentes têm sonhos, desejos de realização, a quem cabe orientá-los? Se em uma escola “normal” isso não é simples, como fazer isso em uma escola ainda aprendendo a fazer Ensino Médio Integrado?

Nossa responsabilidade é desmedida com esses jovens adolescentes sonhadores e esperançosos no período que estão submetidos ao ensino e aprendizagem no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre, urge a reunião de pessoas para debater e construir nossos documentos norteadores: Plano de Desenvolvimento Institucional, Projeto Pedagógico Institucional, Planos Pedagógicos de Cursos e ementas.

Temos dificuldades por sermos ainda um Instituto muito jovem, não obstante, temos pessoal com energia e competência suficiente para elaborar uma metodologia com o objetivo de realizar esse trabalho tão importante, estamos muito voltados para a execução e deixando a reflexão e o planejamento de lado, isso não ocorre por falta de vontade ou desleixo, estamos no ritmo frenético da globalização, do crescimento desenfreado da necessidade de produção, de geração de conhecimento e de luta pela sobrevivência. Parar, pensar, repensar, avaliar, ajustar são algumas das ações que precisam ser consideradas.

6.2 Respostas dos professores

Os professores mostram sinais de preocupação com a qualidade do curso, e a falta de condições para que ele próprio possa realizar um excelente trabalho e se sentir engajado em algo produtivo culmina em aparente frustração. Apresentam soluções interessantes que poderiam ser amadurecidas. Para o professor P1, não há comprometimento dos alunos, pois afirma:

Não há! As facilidades para a 'aprovação automática' do aluno no instituto dão a ele chaves para a irresponsabilidade. Esperava mais compromisso, visão até!

Aponta problemas na organização do curso e propõe:

As matrizes são mal dimensionadas, há despreparo dos profissionais para lidar com a inclusão. Começar tudo de novo! Rever matrizes, capacitar profissionais, concursos adimensionais.

O professor P2 tinha esperança:

De encontrar alunos mais comprometidos em aprender principalmente o que é da área de técnico do curso.

Neste momento percebi como é importante a investigação, a pesquisa, os alunos do primeiro ano demonstraram em suas respostas que querem aprender sobre informática, seja para dar continuidade aos estudos na área ou para usar os conhecimentos como fonte de renda, este professor diz que o comprometimento é:

Relativamente baixo, principalmente na turma do 1º ANO.

O rendimento da turma é baixo realmente, evasão e reprovação de mais de 50%. O professor afirma:

Quanto à ementa, a capacidade dos professores considera o curso excelente. Porém, alguns fatores externos e internos interferem nesse contexto, como a falta de estrutura física, por exemplo.

Essa percepção de que o curso poderia ser melhor é compartilhada por 100% dos professores, para P2 o problema está no desconhecimento do que é o curso ao entrar, as expectativas são frustradas e o aluno evade, para corrigir essa adversidade, sugere:

Ingresso via avaliação e aumento da conscientização do que o técnico em informática faz antes das inscrições.

P3 concorda que os alunos podem não se interessar pela aprendizagem por falta de informação, os considera imaturos, sobre a expectativa:

Nenhuma, apesar de alguns alunos terem interesse e outros não, alguns não sabiam do que o curso se tratava.

Em escala de 0 a 10, o comprometimento fica 5, nossos alunos não têm maturidade para entender a importância do curso.

Considera o curso relevante, porém destaca que necessita melhorias:

Minha avaliação em relação ao curso é que é importante por conta do mercado de trabalho. Há tendência para uma globalização da tecnologia, e traz solução de melhoria para a sociedade. O curso precisa melhorar em muitas coisas.

Aulas mais práticas e dinâmicas, estágio remunerado, professores capacitados com metodologia adequada para o ensino.

Um professor, P4, diz que sua expectativa era:

Excelente. Sempre trabalho com o pensamento positivo e sempre busco alcançar meus objetivos.

Sobre o comprometimento:

Bom. Evidente que existe casos em que vemos uma falta de comprometimento. Tenho buscado acompanhar esses casos, de forma a levar o conteúdo de forma inovadora e prioritária.

Sobre o curso e a sua sugestão:

Muito bom. É um curso Integrado Técnico em Informática, onde os alunos desenvolvem um bom trabalho com as disciplinas propedêuticas e técnicas. O ponto negativo é a quantidade de disciplinas ministradas por semestre, em torno de 19.

Acompanhamento contínuo dos professores através de encaminhamentos de relatórios à coordenação, atividades bem mais significativas, palestras motivacionais sobre o curso e uma interação entre aluno, escola e família.

P5 compara os alunos do Instituto com os de outras escolas públicas e aponta que falhas na infraestrutura oferecida podem ser a causa da demonstração de falta de interesse, de comprometimento:

Eu esperava alunos comprometidos com o curso, interessados na sua formação e com a sua aprendizagem ou pelo menos, mais interessados que os alunos da rede pública tradicional. Imaginava encontrar alunos dedicados e orgulhosos de fazer o curso integrado, pois terminariam o curso com uma profissão.

Meus alunos não são comprometidos com o curso (de uma forma geral) salvo poucas exceções que estão bem interessadas no curso e

em sua formação. Um grande número de alunos não se identificou com o curso ou com a estrutura oferecida pela instituição.

O curso não está muito organizado, pois ainda não está totalmente estruturado. No momento eu avalio o curso como ruim, pois sendo um curso na área de informática ainda há pouca prática, além de muitos problemas em relação à matriz curricular e à parte pedagógica.

Novamente é feita menção à forma de ingresso dos estudantes como sugestão para permanência no curso:

Melhorar o processo de entrada dos alunos que muitas vezes vêm fazer o curso sem saber o que é; um acompanhamento por uma equipe pedagógica, tanto para os alunos como para os professores; trabalho coletivo entre os professores das disciplinas técnicas e disciplinas básicas, buscando criar um curso 'integrado'.

Os professores enfatizam sempre a urgência de termos uma equipe pedagógica para auxiliar tanto os alunos quanto os professores, uma equipe que trouxesse a esperada organização para o curso, o diálogo entre as áreas. Para P6 os alunos não são comprometidos e trazem conhecimento insuficiente para o avanço nas disciplinas:

Pouco ou quase nenhum comprometimento.

Encontrar alunos com desenvolvimento e habilidades na área de informática e com desenvolvimento médio em conhecimentos gerais.

Quanto à sua avaliação do curso:

Falta muito para ser bem apresentado, carecem de laboratórios, estrutura física, pedagógica e psicossocial para atender ao público alvo, visto que são alunos de baixa escolaridade e de baixa renda.

Melhoria de laboratórios, qualificação de professores na área de informática, adequação da estrutura física e de pessoal, socialização e democratização de bolsas de estudo, atendimento aos estudantes e a comunidade escolar, incluindo pais. Entre outros.

Professor P7 não percebe comprometimento dos alunos, ao mesmo tempo em que afirma que a estrutura do curso talvez não esteja colaborando para tal.

Expectativa de interesse por parte dos alunos, bom aprendizado e interação com o conteúdo ministrado.

Com a pretensa experiência de 12 anos de trabalho como professor de ensino médio, percebe-se pouco comprometimento por grande parte dos estudantes, creio que vivemos uma época de mudanças e a estrutura escolar como está talvez não esteja cumprindo seu papel como deveria.

Avalia o curso bom e coloca a evasão e a reprovação como um problema social, nacional, em tom pessimista:

Se comparado com outros cursos onde ministrei história - bom, porém urge a necessidade de adequações. Adequação de carga horária,

análise das disciplinas ministradas com possíveis mudanças dentre outras alterações.

A evasão a meu ver tende a ser algo cultural em função de uma banalização do estudo e do trabalho. Temos uma sociedade cada vez mais carente de ética e de valores. As novelas e programas da Rede Globo são os grandes ‘educadores’ de um povo em estado de barbárie. Temo que as estratégias dos professores sejam só paliativas.

Os alunos manifestaram vontade de aprender, contudo, o Professor P8 parece não crer que haja interesse e considera que os conhecimentos que eles trazem são insuficientes. Uma das reclamações recorrentes dos professores é a falta de engajamento nas atividades que são propostas em sala de aula:

Por se tratar de um curso técnico integrado esperava que os alunos apresentassem grande interesse pelas disciplinas e que tivessem um conhecimento prévio que permitisse trabalhar os conhecimentos específicos para cada série.

Grande parte dos alunos é bastante interessada no conteúdo, porém há um percentual que não participa das atividades propostas. Os alunos declaram que o curso não atende às suas expectativas e por conta disso muitos não estão motivados suficientemente para poder chegar ao final.

Não é novidade para ninguém que o curso precisa de reformulações, em especial no que diz respeito à organização do currículo. Mas é um curso que pode oferecer perspectivas positivas aos alunos, embora esse ramo de trabalho seja, de certa forma, incerto.

P8 concorda com todos os outros professores que o curso precisa de ajustes, reforça essa ideia quando diz que

Seria importante fazer as reformulações necessárias no currículo e reorganizar as cargas horárias das disciplinas. Um ponto que chama muito a atenção é o tempo de formação, tendo vista que são quatro anos de curso, o que faz com que muitos alunos desistam e procurem cursos que tenham um tempo de duração menor. Seria interessante ainda que houvesse um acompanhamento aos alunos em condição de risco ou que constituem família muito cedo, pois estes passam por necessidade de sustentar família e também acabam abandonando o curso.

Para P9:

A vantagem do curso integrado em informática está no fato de manter a grade de disciplinas do ensino médio regular acrescentando o profissionalizante. Porém o curso é extenso e o tempo de conclusão pode ser um fator de evasão dos alunos, como vem ocorrendo ao longo do curso. Em breves comentários por parte dos alunos, alguns não veem a inclusão da informática como critério principal para a escolha do curso e sim o certificado de ensino médio, outros acham bem relevante o integrado ser relacionado à área de informática, é este o motivo de interesse ao ingresso ao curso.

Um pequeno percentual se mostrou interessado com as atividades gerais das disciplinas da grade do ensino médio regular, situação cotidianamente semelhante a educação escolar convencional, a maioria

dos alunos se mostram mais interessados com as disciplinas ligadas ao eixo da informática. E há aqueles que não demonstram comprometimento em qualquer disciplina do curso, com um quadro de faltas elevado e notas abaixo do nível de aproveitamento do curso.

Generalizando o curso é bom, pois tem um bom quadro de professores, uma estrutura física adequada, mas com uma certa deficiência em equipamentos (*hardwares*) para manuseio a prática de manutenção do curso e ferramentas mais atualizadas (*softwares*) em relação a cursos de informática de alto nível de avaliação, e valorização para o ingresso do aluno ao mercado de trabalho.

Com a mudança do projeto pedagógico do curso, já proposta, diminuindo o tempo de conclusão do curso e evidenciando práticas pedagógicas mais produtivas e direcionadas poderá ser um meio de amenizar a evasão. Quanto a reprovação cada professor deverá repensar em uma metodologia mais adequada e proveitosa, dentro da realidade local de vivência desses alunos e que os incentive quanto ao interesse ao conhecimento teórico e prático de várias áreas abordadas, o senso crítico e a relevância do processo de ensino aprendizagem para o desenvolvimento da formação de um cidadão ético e preparado as adversidades da vida profissional.

P10 percebe o desânimo e faz esforço para que a aula seja mais atraente para os alunos:

Eu esperava alunos mais dinâmicos, participativos, realmente envolvidos com a educação. Percebi um pouco de desânimo em alguns alunos, em sala nem todos gostam de participar de fazer comentários, fazer perguntas, o professor tem que ser bastante criativo procurando usar dinâmicas para deixar a aula mais atrativa.

Pelo pouco tempo que ministrei a disciplina com eles, apesar do desânimo de alguns, percebi que a maioria é comprometida com o curso, temos alunos excelentes, talvez falte uma boa equipe pedagógica para auxiliar e conversar com esses alunos incentivando-os, dando toda orientação necessária, procurando buscar soluções para problemas enfrentados no dia a dia.

Sente, ainda, a necessidade de mais apoio pedagógico e que falta mais empenho para resolução de problemas, enfatiza nas respostas às duas questões que se seguiram:

Eu avalio o curso como bom, temos excelentes professores compromissados com esses alunos, dispostos a ajudá-los, mas sabemos que temos vários problemas envolvidos para o processo ensino-aprendizagem comum em todas as escolas. O professor precisa de uma excelente equipe pedagógica que realmente queira participar, dando opiniões, procurando buscar soluções para os problemas encontrados, buscando junto com a família alternativas para o bom andamento do processo.

Comentei um pouco na questão anterior. Uma equipe pedagógica compromissada sabendo quais são os problemas, procurando resolvê-los e estando sempre em contato com os alunos, professores, e principalmente com a família. Para um bom processo depende da participação de todos, dedicação, assiduidade, paciência e consciência que somos responsáveis pela formação desses alunos.

O professor P11 se frustra com a falta de responsabilidade e autonomia dos alunos e aponta problemas com a estrutura do curso:

Tinha como expectativa alunos com vontade de absorver o conteúdo técnico do curso, tendo em vista que estão em um curso técnico.

Alunos ainda se mostram muito imaturos e sem responsabilidade em buscar novos conhecimentos.

Curso em estruturação, ainda temos problemas estruturais, que estão sendo diminuídos com o tempo. Corpo de docentes muito bem capacitados e que fazem a diferença no curso.

Maior integração entre as disciplinas, principalmente no que se refere aos conteúdos do ensino médio e aos conteúdos técnicos. Os alunos precisam entender a relação entre os dois.

P12 percebe lacunas ao mencionar suas expectativas e a organização do curso:

Separando por turmas tinha várias expectativas: com relação aos alunos do primeiro ano esperava que eles chegassem com mais envolvimento com o ensino. Com relação aos alunos do segundo ano, esperava que com o passar de um ano na instituição conseguissem se envolver mais com o ensino, e como relação aos alunos do terceiro ano, esperava que eles conseguissem compreender que os assuntos tratados nos anos anteriores eram necessários para a sua formação.

Vejo que grande parte não se compromete com o curso no primeiro ano e que apenas uma pequena parte vai passar para o ano seguinte firmemente comprometida.

Avalio que é uma grande confusão a organização dos componentes no currículo, que não tem identidade ou foco e, isso, cria uma grande confusão na cabeça dos alunos.

Em primeiro lugar procurar um foco dentro da informática e isso deve ser dialogado com os professores da área específica. Buscar enxugar a quantidade de componentes que pelo excesso – por volta de quatorze por semestre – deixa os alunos desesperados e com o pensamento de que não são capazes de superar essa dificuldade.

P13 não percebe interesse dos alunos em sua disciplina, para ele os alunos não valorizam o ensino, tem a visão de integração como junção de disciplinas:

Que fossem alunos aplicados e que dessem valor ao ensino recebido por mais que houvesse o desconhecimento do que fosse uma escola técnica federal.

Como ministro uma disciplina do currículo básico e a formação deles é em uma área estritamente técnica, fica difícil conseguir que eles se interessem por uma disciplina como Biologia que, na prática, acaba não existindo muita correlação com a formação profissional eu almejam.

Considero a matriz curricular bem elaborada apesar do grande número de disciplinas. No entanto, em todas as escolas técnicas federais, a matriz é extensa o que exige uma grande disciplina e organização por parte dos alunos para poderem cumprir com bom aproveitamentos as disciplinas meio e fim.

Um maior envolvimento dos pais e todo corpo docente e técnico da escola para que a família também se sinta peça importante na formação destes alunos. O desenvolvimento de um grande projeto

integrador em que o aluno permanecesse mais tempo na escola dedicado a sua formação.

Com relação ao que espera nossos alunos no futuro, as respostas dos professores são preocupantes, pois eles mesmos não têm boas perspectivas, ainda assim alguns alunos consideram os professores “motivadores”, uma vez que persistem a chamar a atenção para a necessidade de aprender, até mesmo de buscar ânimo para estudar. Segundo os colegas, nosso aluno será:

Profissional pouco preparado! Simples reprodutores, incompetência. Perigo!

Para a grande maioria, evasão para outras áreas. Para a minoria, sucesso profissional trabalhando com informática.

Alguns vão se destacar na área e outros vão migrar para outra área de formação conforme seu desejo.

Sendo um curso técnico integrado em informática e sendo a Tecnologia de Informações um mercado amplo para suprir os egressos.

Grande parte dos alunos, se não todos, prestará os exames do ENEM. Assim, irá fazer um curso superior, provavelmente em área diversa daquela que cursaram no ensino médio. Muitos alunos afirmam que estão fazendo o curso pela perspectiva de emprego. No entanto, o mundo do trabalho nessa área ainda é muito incerto.

A área de informática é grande e sempre oferece muitas oportunidades a todos mas tenho receio do que aguarda nossos alunos, pois no ritmo que se encontram, poucos conseguirão espaço no mercado de trabalho. Creio que alguns irão para o ensino superior em outra área, pois não se sentem realizados no curso.

A entrada no mercado de trabalho sem grandes chances de concorrência.

Para aqueles que demonstraram maior comprometimento e outros com mais afinidade com a área escolhida, visualizo um bom preparo para o ingresso ao mercado de trabalho, mesmo que precisem concorrer em processos seletivos relacionados à sua área de formação.

Eu acredito que quem seleciona é o mercado de trabalho e isso só é percebido quando o profissional se encontra diante desse desafio. No caso dos alunos do IFAC, por ter passado por uma formação confusa e deficiente, os desafios para ele serão muito maiores.

Esperamos formar verdadeiros cidadãos críticos, conscientes dos seus direitos e deveres preparados para enfrentar o mercado de trabalho.

Os alunos estão sendo formados para inserção em um nível superior e também para o mundo do trabalho. A expectativa após a sua formação é de que os mesmos possam utilizar a parte técnica do curso como uma alternativa para uma profissão.

Acredito que nossos alunos do IFAC, se comparando com os outros alunos do Acre, ao meu ver estão em uma boa média educacional, creio que pode ter mercado de trabalho sim, apesar de estar descontente com o cenário nacional como um todo, ao meu ver vivemos em um país em estado de propensa decadência que pode comprometer o futuro não só dos nossos alunos mas de qualquer um.

Sempre desejamos o e esperamos melhor pois queira ou não os professores funcionam como uma grande fábrica de ilusões de aspecto positivo. No entanto, dependerá muito do envolvimento do aluno ao longo de sua formação e oportunidade geradas no mundo do trabalho.

Podemos inferir que há certo conformismo: nossos alunos entram sem conhecimento mínimo para acompanhar as disciplinas, estão desmotivados porque não têm comprometimento ou interesse, conseqüentemente serão profissionais medíocres, incapazes de entrar no mercado de trabalho. A meu ver são conclusões baseadas em um *preconceito disfarçado* (Patto, 1993) ou até inconsciente.

CAPÍTULO 7: CONCLUSÃO

As afirmações de grande parte dos professores denotam um cansaço, implicitamente desistiram desses jovens. No IFAC, a *'des'organização* da estrutura administrativa e pedagógica colabora com o desgaste, o professor, quando tenta recuperar a motivação dos seus alunos, se sente desamparado. Por outro lado, também o aluno se sente desamparado, podemos afirmar que é um aluno alienado a partir do conceito de Marx, pois o aluno se sente contrafeito, *estuda* no IFAC *forçosamente*, porque lhe é imposto ou pela família ou pelas condições. Situação, por exemplo, do terceiro ano; estudar no IFAC se torna um meio para satisfazer a necessidade de ir para uma faculdade para aprender uma profissão, contudo, as perspectivas de sair do IFAC com a competência de trabalhar ou de ser bem sucedido em exame para entrar em uma faculdade são mínimas. Os alunos não se reconhecem no curso, colaboram com os números que indicam que o Instituto está formando pessoas, mas eles próprios se sentem prejudicados por falta de infraestrutura.

Só há o Ensino Médio Integrado no campus Rio Branco no Eixo Informação e Comunicação e somente para formar desenvolvedores de sistemas, ora, o mercado de trabalho no Acre é maior no setor de serviços e em sua maioria as vagas são para o serviço público, o setor industrial é muito pequeno e a necessidade é expandir e melhorar a agricultura, o câmpus Rio Branco é o maior câmpus do Instituto no Acre e parece muito limitado.

O fato de vários alunos ficarem fora da sala de aula, de não se preocuparem em fazer as avaliações, demonstra o sentimento de mortificação e desprazer em estudar. Só se sentem livres se estão de bate-papo, no celular, ouvindo músicas. “...em suas funções especificamente humanas, o trabalhador animaliza-se; no exercício de suas funções animais, humaniza-se.” (PATTO, 1993, p. 16)

Tanto o governo quanto empresas do terceiro setor estão ampliando a oferta de educação profissional, será por ser esta a única alternativa para a inserção de marginalizados ao “processo de circulação de mercadorias”? Este objetivo nos remete ao caráter assistencialista e economicista dos primórdios do ensino profissional, atribuindo vínculo mais ao processo de “reprodução do capital” do que, se houver, a um projeto social e político “articulado às lutas dos trabalhadores por sua emancipação social, política e econômica” (*idem*), estando esta ideia mais próxima da finalidade para a qual os Institutos Federais foram criados.

O governo Lula trouxe a possibilidade do debate entre diferentes agentes, definindo uma forma mais democrática de estabelecer as políticas para a educação profissional, no entanto, preservou o modelo de desenvolvimento econômico de Fernando Henrique Cardoso, contradição explicitada por pesquisadores. Na realidade, a política de integração do ensino médio com uma formação técnico-profissional não foi implementada de fato,

lamentavelmente, como constatamos anteriormente, essas medidas se constituem, na verdade, em falsos avanços; simulacros que nos distraem enquanto permitem a vitória dos conservadores, os quais, no meio de ‘uma ou outra alteração’, mantêm tudo como estava antes (FRIGOTTO; CIAVATTA e RAMOS 2005a, p.1.090 in OLIVEIRA, 2012, p.87)

Oliveira (2012) não vê a escola como um espaço de “reprodução e de propagação da ideologia burguesa”, nem tampouco como “asseguradora de mentalidades comprometidas com uma nova ordem social”, mas sim como “local contraditório, pois está imersa no conflito

de interesses, na esteira de possibilidades”, essa realidade nem sempre é percebida por alunos, professores, pais e gestores, a escola tem a capacidade de redefinir seus valores e suas ações. O dinamismo e a capacidade de formação humana é o que dá sentido à escola, nossos alunos provavelmente estão reclamando que sejamos assim, dinâmicos, ousados, no entanto, trazemos vícios de outras instituições paralisadas no tempo e rígidas e convencidas de que o único caminho é reproduzir a lógica do capital.

Nossa pujança pode até ser no sentido de formar cidadãos críticos e pensantes, mas não temos essa capacidade ainda, nós mesmos estamos presos à nossa formação, aos nossos treinamentos, somos escravos iludidos e ainda temos a pretensão de formar para a liberdade e criatividade.

A expansão da rede federal tem acontecido rapidamente, de 2009 até hoje foram construídas centenas de novos institutos e campus, contratados através de concurso público milhares de novos técnicos e docentes, mas não se tem levado em consideração o tempo necessário para a construção de um projeto político e pedagógico coletivamente, comprometendo a qualidade e eficácia das ações dos institutos. (MOURA, 2012, p. 63)

Quanto a nós professores, é inexoravelmente preciso se despir do temor da avaliação, o professor deve gostar de ser avaliado tanto quanto gosta de avaliar seus alunos, deve dialogar e permitir que sejam francos. É natural que os estudantes cometam julgamentos errôneos, todavia, é muito importante saber e considerar o que pensa e sente aquele que está sob sua orientação. Ouvir em primeiro lugar, estabelecer as regras e as metodologias em conjunto até mesmo com a participação dos estudantes, ter gana de aprender “coisas” novas, “coisas” de diferentes naturezas, para chegar mais próximo da realidade dos alunos, *saber* que está lidando com sujeitos na fase mais transitória da vida de qualquer ser humano, a adolescência, fase de grandes descobertas e de experimentações, que não deixa de ser dolorida, pois quer-se muito sem saber ainda como alcançar o que se quer nem porquê quer.

Outra imprescindibilidade é a capacitação dos novos servidores, neste aspecto, fui privilegiada, uma vez que a participação no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola deu ensejo a mais do que um grau acadêmico, desencadeou enorme transformação na minha história de vida, na minha relação social e profissional, no meu fazer pedagógico, desta feita, jamais terei o mesmo olhar e forma de avaliar e conduzir minhas tarefas, para além disso, saberei sempre que há um universo de conhecimentos e possibilidades que não conheço.

Ressalto que conhecer outras instituições de educação profissional através do Módulo de Estágio Pedagógico e Profissional favoreceu uma percepção distinta da minha vivência até o momento no IFAC, contribuindo com a compreensão de que forças e fraquezas todos temos, não obstante, nosso foco tem sido nossas fraquezas, temos forças e oportunidades inquestionáveis para a construção da identidade do Instituto Federal do Acre e de uma sólida e competente base para nosso trabalho e de futuros profissionais. O que deve ser evitado é o adiamento do trabalho em conjunto, não há tempo para lamentações, o tempo é de entusiasmo, união, cooperação e efetivo trabalho em direção à criação coletiva dos documentos norteadores e de fundamentação da nossa prática pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel. **Reflexão crítica sobre o pensamento de D. Schön e os programas de formação de professores.** In I. Alarcão (organização), **Formação reflexiva de professores: Estratégias de supervisão** (pp. 9-39). Porto: Porto Editora.

ASSESSORIA IFAC. <http://www.oriobranco.net/component/content/article/29-destaque/37210-ifac-prepara-lancamento-de-pedra-fundamental-do-campus-tarauaca.html> , de 28 de março de 2014. [acesso em 12 de abril de 2014]

BZUNECK, José Aloyseo. BORUCHOVITCH, Evely. (organização) **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BRASIL. **Educação: Legislação Federal.** Brasília: 2009.

BRASIL. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. [acesso em 12-03-2014]

BRASIL. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1 LEI Nº 12.796, DE 4 DE ABRIL DE 2013. [acesso em 12-03-2014]

BRASIL. Parecer CNE/CEB nº 16/99. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. **Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 22 dezembro 1999. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/PCNE_CEB16_99.pdf. [consultado em 12-03-2014]

CECCON, Claudius. **A vida na escola e a escola da vida.** Vozes. Petrópolis: 1990.

ECCHELI, Simone Deperon. D. **A motivação como prevenção da indisciplina.** Revista Educar, Curitiba, n. 32, p. 199-213, 2008. Editora UFPR.

LENS, Willy. MATOS, Lennia. VANSTEENKISTE, Maarten. **Professores como fonte de motivação dos alunos: O quê e o porquê da aprendizagem do aluno.** Revista Educação, Porto Alegre, v. 31, n.1, p. 17-20, jan./abr. 2008.

MASLOW, Abraham Harold. **Motivation and personality.** Harper & Row, Publishers, Inc. New York, NY, 1987.

MEC. O sucesso da rede federal no Enem. Eliezer Pacheco, 2009.

MEC. <http://centenariorede.mec.gov.br/index.php/historico>. [Acesso em 12-03-2014]

MOURA, Dante Henrique. **Políticas Públicas para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio nos anos 1990 e 2000: Limites e Possibilidades.** In OLIVEIRA, Ramon de. **Jovens, Ensino Médio e Educação Profissional.** Papirus. São Paulo: 2012.

OLIVEIRA, Isolina e SERRAZINA, Lurdes. **A reflexão e o professor como investigador.** Escola Superior de Educação de Lisboa e Universidade Aberta, 2002.

OLIVEIRA, Ramon de. **Por uma Educação Profissional Democrática e Emancipatória.** In OLIVEIRA, Ramon de. **Jovens, Ensino Médio e Educação Profissional.** Papirus. São Paulo: 2012.

PACHECO, Eliezer. **Os institutos federais, uma revolução na Educação profissional e tecnológica.** Artigo disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=14428 [acesso em 12-03-2014]

PATTO, Maria Helena Souza. **A Produção do Fracasso Escolar.** T. A. Queiroz Editor. São Paulo: 1990.

PDE Ministério da Educação. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia: um novo modelo em educação profissional e tecnológica.** Brasil, 2010. Livro informativo.

PEREIRA. Luiz Augusto Caldas Pereira. **Função Estratégica da Educação Profissional e Tecnológica,** disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=14428
[acesso em 12-03-2014]

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica.** Artmed. Porto Alegre, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas.** Porto Alegre: Artmed, 1999, reimpresso em 2007.

PORTO SEGURO. <https://www.portoseguro.org.br/noticia/unidade/morumbi/bate-papo-com-dimenstein>; [acesso em 03/02/2014]

Posicionamento da Academia Acreana de Letras sobre o gentílico acreano: disponível em <https://docs.google.com/a/ifac.edu.br/document/pub?id=1Z8Ga-vATrDwp7-3-cu3XPP4DEzBJ0x4944p39KDD7NU>, Rio Branco, [consultado em 12-03-2014].

"proletário", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/prolet%C3%A1rio> [consultado em 12-03-2014].

SAMPAIO, Romilson Lopes. ALMEIDA, Ana Rita Silva. **Da Escola de Aprendizizes Artífices ao Instituto Federal da Bahia: uma visão histórica da educação profissional.** In FARTES, Vera Lúcia Bueno. MOREIRA, Virlene Cardoso. (Organização) **Cem anos de educação profissional no Brasil: História e memória do Instituto Federal da Bahia: (1909-2009).** EDUFBA. Salvador, 2009.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do *habitus* em Pierre Bordieu: uma leitura contemporânea.** Revista Brasileira de Educação. Volume 20, 2002.

SILVA, Caetana Juracy Rezende. (organização) **Colaboração Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense Institutos Federais lei 11.892, de 29/11/2008: comentários e reflexões.** Natal: IFRN, 2009

ZENORINI, R. P. C. (2007). **Estudos para a construção de uma escala de avaliação da motivação para aprendizagem - EMA.** Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba, 138 p.